



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/LIBRAS/LÍNGUA ESTRANGEIRA

MARCIA SOARES DE CASTRO COSTA

**FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO NA LINGUAGEM COLOQUIAL DE
SUJEITOS AMARGOSENSES**

**Amargosa
2019**

MARCIA SOARES DE CASTRO COSTA

**FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO NA LINGUAGEM COLOQUIAL DE
SUJEITOS AMARGOSENSES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB/ Centro de Formação de Professores- CFP, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ayane Nazarela Santos de Almeida.

Coorientadora: Profa. Ms. Jailma da Guarda Almeida.

AMARGOSA



Ata de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da/o Graduanda/o MÁRCIA SOARES CASTRO.

Ao décimo primeiro dia do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, às vinte horas, na sala um dos Modulares do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reuniram-se o/a Professor/a **AYANE NAZARELA SANTOS DE ALMEIDA**, na qualidade de orientador/a e Presidente da Banca de TCC, o/a Professor/a **JAILMA DA GUARDA ALMEIDA** a qualidade de coorientadora, o/a Professor/a **AMANDA DOS REIS SILVA** e o/a Professor/a **LISANA RODRIGUES TRINDADE SAMPAIO**, como membros da banca, comunidade acadêmica e convidados para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: *Fenômeno da monotongação na linguagem coloquial dos sujeitos amargosenses*, de autoria da/o discente **MÁRCIA SOARES CASTRO**, do Curso de Licenciatura em Letras/Libras/Língua Estrangeira. Após apresentação pela/o autora/o e considerações feitas pela banca, esta se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo-lhe as seguintes notas:

Nota: 9,0 (nove)

Professor (a): **AYANE NAZARELA SANTOS DE ALMEIDA**

Assinatura Ayane Nazarela Santos de Almeida

Nota: 9,0 (nove)

Professor (a): **AMANDA DOS REIS SILVA**

Assinatura Amanda dos Reis Silva

Nota: 9,0 (nove)

Professor (a): **LISANA RODRIGUES TRINDADE SAMPAIO**

Assinatura Lisana Rodrigues Trindade Sampaio

Nota: 9,0 (nove)

Professor (a): **JAILMA DA GUARDA ALMEIDA**

Assinatura Jailma da Guarda Almeida

A/o discente **MÁRCIA SOARES CASTRO** foi **APROVADA/O** com a média 9,0
(nove).

Amargosa/ BA, 11 de dezembro de 2019

Ayane Nazarela Santos de Almeida
AYANE NAZARELA SANTOS DE ALMEIDA
Presidente da Banca de TCC

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus: a Ele, toda honra e toda glória.

À minha família, de onde extrair os primeiros ensinamentos, os quais firmaram a minha base e moldaram a minha essência.

Ao meu esposo, Ademir, pela compreensão e incentivos diários.

À nossa filha, a pequena Valentina, a qual, desde o nascimento, vem me ensinando a ser cada dia mais forte.

À minha orientadora, professora Ayane, pelo apoio e por acreditar no meu comprometimento com a pesquisa.

À minha coorientadora Jailma, por instruir os primeiros passos utilizando o programa Goldvarb X.

Aos professores Gredson e Geisa, pela inspiração no curso de Letras.

À Lane, minha irmã, amiga e parceira de longos anos.

À Aniele, pela prontidão em ajudar-me no momento quem mais precisei.

Ao Centro de Formação de Professores, pelas experiências e aprendizados proporcionando nesta longa caminhada.

COSTA, Marcia Soares de Castro. **Fenômeno da Monotongação na Linguagem Coloquial de sujeitos de Amargosa**. 59 f. Il. 2019. Monografia – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa-Ba, 2019.

RESUMO

O presente estudo é resultado da pesquisa sobre a Monotongação do ditongo /ey/ na fala de amargosenses. Tendo como base teórica os pressupostos da Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa, a análise é constituída pelo corpus formado por 12 entrevistas sociolinguísticas com falantes da comunidade, seis homens e seis mulheres, distribuídas em duas faixas etárias: (I) 25 a 44 anos e (II) acima de 44 anos. Trata-se de uma amostra dos dados do *Projeto Acervo da Língua Falada na Cidade de Amargosa/ Elísio Medrado*. Assim, a pesquisa obteve 235 dados (primeira rodada) e 216 (segunda rodada), os quais foram analisados por meio do programa GOLDVARB X. Pretendeu-se investigar fatores de ordem social e linguística que se deduzia ser favorável à aplicação da monotongação do ditongo. Neste contexto, foram delimitados dois condicionadores sociais (escolaridade e gênero/ sexo) e dois condicionadores linguísticos referentes ao contexto de ocorrência do fenômeno (final de palavras e interior de palavras). Mediante isso, os resultados desse estudo evidenciaram que, de fato, a Monotongação é um fenômeno presente na fala dos amargosenses. Contudo, os dados da pesquisa mostraram que os condicionadores sociais não exerceram influência sobre a variação na amostra analisada. No que tange às variáveis linguísticas, os dados apontam como principais condicionantes ao apagamento da semivogal [y], a sonoridade no contexto precedente (consoantes sonoras), seguido de contexto seguinte (tepe/fricativa alveopalatal), classe de palavra (nomes) e extensão do vocábulo (polissílabos).

Palavras-chave: Variação. Sociolinguística. Monotongação. Amargosenses.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: a posição da úvula na produção de segmentos orais (esquerda) e segmentos nasais (direita)	27
Figura 2: Vogais tônicas.....	28
Figura 3: Vogais tônicas diante de consoante nasal.....	28
Figura 4: Vogais pré-tônicas (Camara Jr., 1992)	29
Figura 5: Vogais postônicas (Camara Jr., 1992)	29
Figura 6: Vogais átonas finais (Camara Jr., 1992).....	29
Figura 7: Praça Louriva Monte. Amargosa- Ba	38
Figura 8: Localização da cidade de Amargosa na Bahia	38

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Distribuição das variantes no corpus.....	44
GRÁFICO 2: Distribuição da variante no corpus.....	49

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Distribuição das variantes no corpus.....	43
TABELA 2	Influência da variável extensão do vocábulo para não realização do ditongo /ey/ em Amargosa-Ba	44
TABELA 3	Influência da variável sonoridade no contexto precedente para não realização do ditongo /ey/ em Amargosa-Ba.....	45
TABELA 4	Influência da variável consoante ou vogal subsequente para não realização do ditongo /ey/ em Amargosa-Ba	46
TABELA 5	Influência da Variável Classe Morfológica para a Monotongação	47
TABELA 6	Distribuição das variantes no <i>corpus</i>	48
TABELA 7	Influência da Variável Sonoridade no Contexto Precedente para a Monotongação	50
TABELA 8	Influência da Variável Contexto Seguinte para a Monotongação.....	50
TABELA 9	Influência da Variável Classe Morfológica para a Monotongação	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A LÍNGUA SOB A PERSPECTIVA ESTRUTURALISTA: O SISTEMA INVARIÁVEL	12
2.2 SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA	15
2.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA - VARIÁVEL E VARIANTE	17
2.3.1. Níveis de Variação Linguística	19
2.3.2. Tipos de Variação Linguística (Diatópica, Diastrática, Diafásica, Diamésica, Diagenérica)	22
3 A FONÉTICA E A FONOLOGIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: FUNÇÕES E INTERFACES	25
3.1 SEGMENTOS VOCÁLICOS	26
3.2 DITONGOS	30
3.3 O FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO: ESTUDOS VARIACIONISTAS	31
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
4.1 A COMUNIDADE AMARGOSENSE	38
4.2 O CORPUS E AS VARIÁVEIS	40
4.3 GRUPOS DE FATORES	40
4.4 O PROGRAMA GOLDVARB X	41
5 ANÁLISE DOS DADOS	43
5.1 UMA ANÁLISE DA SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE A MONOTONGAÇÃO DE /EY/ NA CIDADE DE AMARGOSA-BA	43
5.1.2 Influência da Variável <i>Extensão do Vocábulo</i> para a Monotongação	44
5.1.3 Influência da Variável Sonoridade no Contexto Precedente para a Monotongação	45
5.1.4 Influência da Variável <i>Contexto Seguinte</i> para a Monotongação	46
5.1.5 Influência da Variável <i>Classe Morfológica</i> para a Monotongação	47
5.2 FATORES SELECIONADOS NA SEGUNDA RODADA DO PROGRAMA	48
5.2.1 Influência da Variável Sonoridade no Contexto Precedente para a Monotongação	50
5.2.2 Influência da Variável <i>Contexto Seguinte</i> para a Monotongação	50
5.2.3 Influência da Variável <i>Classe Morfológica</i> para a Monotongação	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

De caráter fonológico, o fenômeno da monotongação ocorre regularmente entre os falantes do português brasileiro (doravante *PB*). “Esse fenômeno refere-se ao apagamento da semivogal de um ditongo, reduzindo o encontro vocálico: vogal mais semivogal (ditongo decrescente), para somente uma vogal” (PAIVA, 1996; SILVA, 2004; HORA, 2007; SEARA, 2008).

A supressão das semivogais nos ditongos decrescentes compõe o leque das diversidades de falares existentes no *PB*, o qual é fruto do contato dos diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos da nossa história. O referido fato ocorre tão naturalmente que, na maioria das vezes, reproduzimos sem ao menos perceber. Tal observação tornou-se mais apurada mediante a participação nas aulas de fonética, o que se caracterizou, também, como a principal motivação que fomentou o interesse em aprofundar neste tema.

Como hipóteses, elaboradas com base em pesquisas variacionistas realizadas no Brasil, a exemplo de Freitas (2017); Santos e Almeida (2017); Cysne (2016); Toledo (2011); Paiva (2003); Aragão (2000), estudos os quais recorreremos nesta pesquisa, (a) acreditamos que a supressão da semivogal [j] seja favorecida, principalmente, por fatores linguísticos (tepe/fricativas) nos contextos fonéticos anterior e posterior; (b) supomos que a extensão do vocábulo (trissílabas e polissílabas) sejam fatores aliados à aplicação da variável monotongada. No que tange aos fatores extralinguísticos, (c) acredita-se que as variáveis interdependentes: nível de escolaridade e faixa etária, abordados em Paiva (2003) e Santos e Almeida (2017), são também condicionantes à monotongação.

O objetivo neste trabalho consiste em estudar o comportamento do ditongo decrescente [ey] na fala coloquial dos amargosenses, no que se refere à monotongação, uma vez que, embora seja recorrente no *PB*, ainda são poucos os estudos referenciados no estado da Bahia. Nesta perspectiva, pretende-se possibilitar a elucidação de quais contextos a supressão da semivogal ocorre com maior incidência. Além disso, investigar se as variáveis extralinguísticas interferem no fenômeno da monotongação. Não obstante, legar à comunidade e a quem possa interessar pelo tema (monotongação), material de cunho bibliográfico e estudo de corpus, haja vista a carência de pesquisas nesta área.

Esta pesquisa está organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo tece discussões sobre a Sociolinguística, e, subdivide-se nos subtópicos: *A Língua sob a Perspectiva Estruturalista: o sistema invariável; Sobre a Sociolinguística; Variação Linguística -*

Variável e Variante; Níveis de Variação Linguística; Tipos de Variação Linguística (Diatópica, Diastrática, Diafásica, Diamésica, Diagenérica).

No segundo capítulo, aborda a Fonética e Fonologia do Português Brasileiro, tendo como seções *A Fonética e a Fonologia do Português Brasileiro; Funções e Interfaces; Segmentos Vocálicos: Ditongos; O Fenômeno da Monotongação: Estudos Variacionistas.*

O terceiro capítulo conta com os Procedimentos Metodológicos e está subdividido em *Procedimentos Metodológicos; A Comunidade Amargosense; O Corpus e as Variáveis; Grupos de Fatores; O Programa Goldvarb X.*

O quarto capítulo compreende a Análise de Dados, disposto da seguinte forma, *Uma Análise da Sociolinguística sobre a Monotongação de /Ey/ na Cidade de Amargosa-Ba; Influência da Variável Extensão do Vocábulo para a Monotongação; Influência da Variável Sonoridade no Contexto Precedente à Monotongação; Influência da Variável Contexto Seguinte para a Monotongação; Influência da Variável Classe Morfológica para a Monotongação; Fatores Selecionados na Segunda Rodada do Programa.*

Por fim, a conclusão a qual tece reflexões sobre os resultados encontrados correlacionando com estudos precedentes sobre a monotongação.

2 A LÍNGUA SOB A PERSPECTIVA ESTRUTURALISTA: O SISTEMA INVARIÁVEL

É inquestionável a relação intrínseca entre linguagem e sociedade. A sociolinguística é a área da Linguística que trata, especificamente, desta relação. Todavia, o que hoje nos parece uma relação óbvia, só no século XX teve seu reconhecimento como relação determinante. Neste capítulo, abordamos o aporte teórico que embasou o pensamento linguístico a partir do século XX, a fim de explanarmos as divergências e convergências para o entendimento da língua como sistema mutável.

Em consonância com Marra e Millani (2012), ao conceber a língua como fato social, o primeiro pensamento linguístico que é considerado fonte básica, o qual foi referenciado, inclusive, nos escritos de Saussure, outorga-se a teoria de Whitney (1867), muito antes de Durkheim (1895), a quem a literatura atribui ser o primeiro a dar uma definição para *fato social*. Embora Whitney (1867) não tenha usado tal expressão, e sim, a terminologia *instituição social*, ao considerar a língua como posse da sociedade, afastando dela a ação individual, o linguista já imprimia nela as características próprias dos fatos sociais. No entanto, segundo John Scott (2010, *apud* MARRA e MILLANI, 2012, p. 69) tal ideia de *instituição social* “foi expressa com maior sucesso por Durkheim (1985), que generalizou a noção de regras jurídicas, morais ou costumeiras que existem como *fatos sociais* restritivos numa sociedade particular”.

Na perspectiva de Alkmim (2003), o pontapé inicial para evidenciar o encadeamento entre língua e sociedade se deu com a constituição da concepção estruturalista da linguagem, no curso de Linguística Geral, em 1916, cujo precursor fora Ferdinand Saussure. Para Saussure (1916, p. 17, *apud* ALKMIN, 2003, p. 23), “a língua é o sistema subjacente à atividade da fala, mais concretamente, é o sistema invariante que pode ser abstraído das múltiplas variações observáveis da fala”. Por consequência, “a língua se caracteriza por ser um produto social da faculdade da linguagem”.

Saussure concebe a Linguística como ciência autônoma, tendo como objeto de estudo – a *língua*, e concebe a dicotomia Linguística Interna x Linguística Externa. Uma opõe-se a outra quanto às orientações, respectivamente, formal e contextual. Saussure privilegia o caráter formal e estrutural do fenômeno linguístico, argumentando que “o estudo dos fenômenos linguísticos externos é muito frutífero; mas é falso dizer que sem estes não seria

possível conhecer o organismo linguístico interno” (SAUSSURE, 1916, p. 51, *apud* ALKMIN, 2003, p. 26).

Se, por um lado, a separação é necessária para o estudo, por outro, a indissociabilidade é reconhecida: “esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça” (SAUSSURE, 2012, p. 51). Segundo Oliveira e Leite (2012) a concepção saussuriana toma por objeto “a realidade intrínseca da língua”, tentando descrever de um modo geral, sem, no entanto, desprezar a fala, a qual assim como a língua, não está dissociada do falante. “Trata-se, com efeito, de saber em que consiste e como funciona uma língua” (OLIVEIRA e LEITE, 2012, p.7). Com afincos de interpretar a escolha de Saussure, a língua em detrimento da fala, Santos (2006, p. 19) pondera:

Analisar a língua em sua dimensão estritamente sincrônica, destituída de sua realidade enquanto fenômeno sócio-histórico, implicava concebê-la como sistema estruturado em partes discretas e cuja característica principal era a homogeneidade. Uma justificativa que se apresenta para explicar um esforço teórico dessa natureza é o fato de que, no contexto em que o *Cours* foi publicado, buscava garantir a autonomia e conseqüente cientificidade da Linguística frente as demais ciências humanas, o que só seria possível mediante uma rigorosa delimitação do objeto de estudo, de modo que este ficasse circunscrito aos limites da disciplina que reivindicaria para si o direito o direito de estudá-la.

Se por um lado, alguns teóricos buscam legitimar o pensamento de Saussure, considerando as nuances do seu tempo, por outro lado, foram muitas contestações às suas ideias, sobretudo no que tange ao princípio da homogeneidade, postulado do estruturalismo. Jakobson (1960 *apud* ALKMIN, 2003), concebendo como papel central a noção da comunicação, registra sua crítica às concepções saussurianas, no qual julga “uma ficção desconcertante” o princípio da homogeneidade do código linguístico, postulado por Saussure (1916), e adotado pela Linguística. O linguista comunga da ideia de que o código linguístico é “multiforme e compreende uma hierarquia de subcódigos diversos, livremente escolhidos pelo sujeito falante”. Para Jakobson (1960, *apud* ALKMIN, 2003), o ponto de partida é o processo comunicativo amplo, e isso o leva a ultrapassar a óptica estreita de uma análise do fenômeno linguístico ancorada apenas em suas características estruturais. Cohen (1956, *apud* ALKMIN, 2003, p. 26), por sua vez, reforça a ideia do caráter heterogêneo da língua, afirmando que: “os fenômenos linguísticos se realizam no contexto variável dos acontecimentos sociais”.

Ainda nesta perspectiva, numa abordagem mais substancial, cuja reflexão marcou profundamente a Linguística francesa contemporânea, Benveniste (1963, *apud* ALKMIN, 2003, p. 26), argumenta que, “é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se

determinam mutuamente”, partindo do pressuposto que língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra, Benveniste, reitera seu posicionamento afirmando ser “pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com a natureza e com os demais homens”.

Paul Jules Antoine Meillet (1866-1936), um dos principais linguistas de seu tempo, foi também um dos alunos mais brilhante de Saussure (1905). Entretanto, diferentemente de seu mestre, Meillet não faz distinção entre os termos *língua* e *fala*, preferindo, antes, utilizar o termo *linguagem*; “essa era compreendida como a razão principal de existência do grupo social, como o elemento que tornava possível a socialização”. (MARRA e MILLANI, 2012, p. 70).

Esse não foi o único aspecto que o linguista diverge da abordagem de seu mestre. De acordo com Marra e Millani (2012), o discípulo de Saussure mostrou-se insatisfeito com o status da Linguística Geral de sua época, que parecia ignorar os avanços de pensamentos sociológicos. Assim, caminhando na contramão dos postulados estabelecidos e ancorado nas ideias da Sociologia emergente, Meillet proporia uma abordagem de caráter inovador, “uma abordagem social da linguagem”, ou seja, numa perspectiva que conciliasse ambos os estudos: da mudança linguística e da estrutura da sociedade em que esse elemento se desenvolve. As contribuições de Meillet foram também importantes para a formação de uma nova geração de estudiosos da Linguística, como as figuras de Joseph Vendryes (1875-1960), Marcel Cohen (1884-1974), Émile Benveniste (1902-1976), André Martinet (1908-1999), dentre outros.

E posteriormente a esses, o sociolinguista William Labov, considerado pela literatura o pai da Sociolinguística Variacionista, também se embasou em Meillet. Labov, de quem discorreremos na próxima seção, buscou alinhar seu pensamento ao de Meillet, o qual já resistia à ideia de que os fatos sociais pudessem ser redutíveis às manifestações individuais. Segundo Marra e Millani (2012), na apresentação de seu texto sobre o dialeto falado em *Martha's Vineyard* (1963), Labov afirmou que muitas das ideias de Martinet, discípulo de Meillet, motivaram grandemente algumas das interpretações de seu estudo. Acrescentam que a abordagem desenvolvida por Labov é declaradamente uma tentativa de colocar em prática as declarações de Meillet e de seus discípulos.

Conforme exposto, o caráter da *invariabilidade* do sistema linguístico, premissa do estruturalismo, foi o ponto crucial que impulsionou as discussões entre os teóricos que tinham outra concepção a respeito da relação entre linguagem e sociedade. Contudo, é pertinente ressaltar que a despeito de priorizar o caráter formal e estrutural do fenômeno linguístico,

Saussure já depreendia a língua como um fato social, reservando “a uma ‘linguística da fala’ toda heterogeneidade típica da manifestação concreta do fenômeno linguístico, já que está no domínio da ‘fala’ não poderia ser analisado de modo objetivo” (SANTOS, 2006, p. 19). Em vista disso, as concepções saussurianas serviram como base a muitos pesquisadores, seja para referendar, seja para divergir de seus pensamentos, ou mesmo creditar parcialmente alguns de seus conceitos. É inegável, porém, seu grande legado à ciência linguística, especialmente para a Linguística moderna.

2.2 SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA

Mediante os estudos pioneiros empreendidos no que tange à relação linguagem e sociedade, os quais evidenciam o caráter heterogêneo do sistema linguístico, Alkmim (2003, p. 28) discorre que a Sociolinguística surge com intuito de “relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade”. O termo foi instituído como área da Linguística em 1964 em um evento organizado por William Bright, no qual participaram vários estudiosos considerados atualmente como referências na área da Sociolinguística, dentre eles o americano William Labov.

Amparada pela Antropologia Linguística, a Sociolinguística se institui a partir da atuação e vários estudiosos e pesquisadores que buscavam demonstrar que linguagem, cultura e sociedade são considerados fenômenos inseparáveis. Dentre estes, merecem destaque as contribuições de Hymes (1962, *apud* ALKMIM, 2003), cujas pesquisas propõem um redirecionamento aos estudos linguísticos. O pesquisador desloca o enfoque tradicional sobre o código linguístico ao direcionar sua inquirição às funções da linguagem em seus contextos sociais.

Nesta perspectiva, o grande salto para o desenvolvimento da pesquisa Sociolinguística foi registrado em 1963 com a publicação dos estudos do americano William Labov. Em “reação à ausência do componente social do gerativismo” (TARALLO, 2007, p. 7), postulado sob as concepções de Chomsky, Labov propõe um modelo de análise denominado “*teoria da variação linguística*”, cujos objetivos consistem na sistematização das variantes linguísticas

usadas por uma mesma comunidade de fala. Assim, o autor relaciona fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico.

O estudo de William Labov sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos), tornou-se a grande referência no campo das pesquisas sociolinguísticas. Em consonância com Alkmim (2003), inspirados no modelo teórico proposto por Labov, muitas outras pesquisas foram empreendidas a fim de descrever o comportamento linguístico de comunidades americanas que constituem minorias. Destarte, devido à diversidade tanto cultural quanto linguística, os Estados Unidos ficaram sendo o berço das reflexões básicas para muitos estudiosos desta área. Em vista disso, pode-se afirmar que “o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”. (ALKMIN, 2003, p. 31).

Neste processo, ao estudar uma comunidade linguística, a constatação mais óbvia será a diversidade no vernáculo de indivíduos que compõem tal comunidade. Esse universo heterogêneo impulsionou Labov na criação de seu modelo de análise com intuito de tentar processar e sistematizá-lo. As distintas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, o autor denominou de “variantes linguísticas”.

Embora a Sociolinguística tenha se ocupado nos estudos das diversidades dos repertórios linguísticos nas diferentes comunidades, atribuindo-lhes caráter interacional e de funcionalidade, a heterogeneidade linguística ainda gera estranheza, inclusive em meios acadêmicos, como bem ressalta Bortoni-Ricardo (2005, p. 14), “Qualquer posição que coloque ou pareça colocar em risco a pureza e a propriedade do idioma pátrio será sempre recebida no mínimo com perplexidade, quando não com veemente resistência”. Segundo a mesma, “o comportamento linguístico é um indicador claro de estratificação social. Os grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua”.

Assim sendo, aqueles que possuem um desempenho linguístico de domínio da norma culta, proporcionalmente, lhes serão conferidos valores culturais também de prestígio. Assim como, não ter domínio da norma considerada correta contribui para uma imagem negativa, estigmatizada, diminuindo-lhes as oportunidades. Segundo Bortoni-Ricardo (2005), a ideia de prestígio associada ao português padrão vem de uma herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação. A sociolinguista reforça que, nas sociedades modernas, tais valores são ainda mais arraigados e persistentes que outros, de natureza ética, moral e estética, e acrescenta: “podemos e devemos questioná-los, desmitificá-los e

demonstrar sua relatividade e seus efeitos perversos na perpetuação das desigualdades sociais, mas negá-lo, não há como”. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14).

2.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA - VARIÁVEL E VARIANTE

Diante das multiplicidades de variantes linguísticas existentes no PB, seja nos seus aspectos individuais – idioleto, e/ ou dialetal, Leite (2002) afirma que:

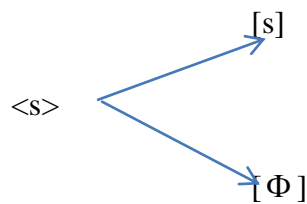
A variação existente hoje no português do Brasil, que nos permite reconhecer uma pluralidade de falares, é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos da nossa história. (LEITE, 2002, p. 57)

O contato com outras línguas e com outras realidades sociais, culturais e políticas é uma das principais causas de mudança e de variação, uma causa exterior que provoca alterações internas. Segundo Coelho *et al* (2015, p. 16), “a variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. Ainda nesta perspectiva, a autora defende que a variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes. Outrossim, palavras ou construções em variação, em vez de comprometerem o mútuo entendimento, são ricas em significado social e têm o poder de comunicar a nossos interlocutores mais do que o significado referencial/representacional pela qual “disputam”. Vale ressaltar que nada neste sistema organizado, denominado língua, acontece por mero acidente, tudo se explica por regularidades.

A Sociolinguística atua nesses contextos desconstruindo a ideia pré-concebida de que, por exemplo, um falante que diz “nós vai” tem menor capacidade intelectual do que o falante que diz “nós vamos”. Em consonância com Coelho (2015), as diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certo modo, quem somos: dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre o local de onde viemos, o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, quando nascemos, com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações. Assim sendo, o objetivo da Sociolinguística consiste em “descobrir quais mecanismos que regulam a variação como ela interage com outros elementos do sistema

linguístico e da matriz social em que ocorre e como a variação pode levar à mudança na língua”. (COELHO, 2015, p. 17).

Concernente à variação linguística, Tarallo (2007) faz a distinção dos termos variável e variante, os quais serão bastante utilizados no decorrer desta pesquisa. O autor ilustra com a marcação do plural no sintagma nominal do português brasileiro, o que constitui-se a *variável linguística*. A esta variável corresponde a duas variantes linguísticas, a saber: (1) a presença do segmento fônico <s>, e a variante (2) a ausência desse segmento, ou seja, a forma zero <>. Vejamos o esquema abaixo, retirado de Tarallo (2007, p. 9):



Considerando ambas as variações possíveis no que tange a marcação do plural no SN no PB, linguisticamente, podem assumir as seguintes formas:

1. aS meninaS bonitaS.
2. aS meninaS bonita Φ
3. aS menina Φ bonita Φ

Segundo o autor, em (1), ao reter a marca do plural ao longo do SN, o suposto falante adequa sua performance linguística à norma-padrão do português. Em (2), o falante reteve a variante [s] na primeira e segunda posição do SN, respectivamente, determinante e nome-núcleo, entretanto, faz uso da variante [Φ] para a posição de adjetivo modificador. Em (3), o falante retêm marca do plural apenas na primeira posição do SN, nas demais posições lança mão da forma zero [Φ].

De acordo com Bagno (2007), “todas essas variantes são previsíveis, pois se definem com base em parâmetros estabelecidos pela estrutura da própria língua.” (BAGNO, 2007, p. 10). O favorecimento de uma variante linguística em detrimento de outra, decorre de circunstâncias linguísticas e não linguísticas. Desse modo, quando o falante opta por falar fazendo uso de uma determinada variante, desprezando outras formas possíveis de dizer a mesma coisa, ele estará sendo condicionado por fatores internos (estruturais) ou externos, que compreende a faixa etária, classe social, etc.

A língua se manifesta flexivelmente em seus respectivos contextos de uso. Cada comunidade de fala, de acordo as suas regras sociais e estrutura sociopolítica, se apropria um

modo específico de interagir. É inquestionável, porém, a predominância de uma escala valorativa, que tem a função de julgar esta ou aquela variante linguística como superior ou inferior. Uma delas, eleita como a de maior prestígio, é a chamada *norma - padrão*, ou *norma culta* ou ainda *língua padrão*. As variantes que destoam desses moldes são tidas como erro, e assim, consideradas de menor importância à sociedade. Segundo Bagno (2007), a noção de “erro” está estritamente relacionada a questões sociais culturais. As concepções de “certo” ou “errado” não se fundamentam por alguma razão natural, por algum fenômeno empiricamente comprovável, derivam, arbitrariamente, das imposições de valores de determinados grupos sobre os demais.

2.3.1. Níveis de Variação Linguística

Ao se tratar da variação em função dos diferentes níveis linguísticos, Bagno (2007) ressalta que a variação ocorre em todos os níveis da língua: fonético-fonológico, morfológico, sintática, semântica, lexical e estilístico-pragmática. Além das variações lexical, fonológica e sintática, Coelho (2005) as classifica também em suas interfaces: variação morfofonológica, morfológica e morfossintática e variação discursiva.

Em conformidade com as ideias de Bagno (2007), a variação fonético-fonológica é caracterizada pelas diferenças no que tange a pronúncia. Por exemplo, a alteração na pronúncia de vogais médias pretônica da palavra “melado”, as quais são pronunciadas abertas no nordeste [mɛ'ladu] e fechadas no sudeste [me'lado]. (ALKMIM, 2003, p. 35). Coelho *et al* (2005) discorrem que, além do alçamento das vogais médias pretônicas, a variação fonológica ocorre em diversos outros fenômenos do português brasileiro, a saber: *despalatalização*, que consiste na troca do <lh> por <i>: *palha*>*palia*, seguida da *iotacismo* (evolução de um som par a vogal /i/ ou para a semivogal correspondente: *palia*>*paia*); *síncope*: supressão de um segmento sono no interior da palavra, por exemplo, *fosfro* (por fósforo), *abobra* (por abóbora), *avre* (por árvore); epêntese vocálica: emissão de uma vogal entre consoantes. É o que encontramos em *obter* (por obter), *pineu ou peneu* (por pneu), *advogado ou adevogado* (por advogado), etc.; *rotacismo*: troca das consoantes [l] por [r], como ocorre em *pranta* (por planta), *Framengo* (por Flamengo), *probrema* (por problema) etc; *monotongação*: transformação ou redução de um ditongo em uma vogal. Podemos ter a transformação do ditongo /ow/ para /o/, como *poco* (por pouco), *ropa* (por roupa), etc.; de /ey/

para /e/, como em *mantega* (por manteiga), *bejo* (por beijo), *brasileiro* (por brasileiro), etc.; e de /ay/ para /a/, como em *caxa* (por caixa), *baxo* (por baixo) etc. Esse último fenômeno será exposto de modo pormenorizado em seções posteriores desta pesquisa.

Segundo Bagno (2007), a variação morfológica se refere à estrutura das palavras que expressam uma mesma ideia. Por exemplo: sufixos diferentes com o mesmo significado: "pegajoso" e "peguento". Neste recorte, Coelho *et al* (2005) as apresenta em suas interfaces, que ocorre quando um caso de variação abarca dois ou mais níveis gramaticais: *variação morfofonológica* – quando a variação não está apenas no âmbito do fonema, mas perpassa também para o âmbito do morfema. O mesmo se aplica na *variação morfossintática* – quando saímos do campo da morfologia e transcorre para o campo da sintaxe, assim sendo,

Quando dizemos que a referência a P2 em “tu anda” e a referência a P6 em “eles anda” é dada na relação que se estabelece entre pronome e verbo – é o pronome que carrega o significado de pessoa do verbo – já saímos do campo da morfologia e vamos para o campo da sintaxe, ou melhor, da *morfossintática*. (COELHO *et al*, 2005, p. 29)

Quanto à variação sintática, Bagno (2007) define como as diferenças no que tange a distribuição dos elementos na organização de uma frase, mantendo o mesmo significado. Exemplo: "Quer que eu pego pra você?" (em vez de: "Quer que eu pegue para você?"), ou "Vai lá não" (em vez de: "Não vá lá"). Nesta perspectiva, Coelho (2005) faz referência à pesquisa sociolinguística de Fernando Tarallo, cujo estudo sobre a variação nas orações relativas fora pioneiro no âmbito da variação sintática. O estudo de Tarallo (apud Coelho, 2005, p. 29) baseou-se em três construções sintáticas, a saber: “o filme a que me referi é muito bom”/ “O filme que me referi é muito bom”/ “O filme que me referi *a ele* é muito bom”. A pesquisa mostrou que as referidas construções estão em variação no PB, as quais são motivadas por fatores extralinguísticos, dentre eles, o nível de escolaridade influenciou com maior relevância. A pesquisa elucidou que a relativa com o pronome lembrete (O filme *que* me referi *a ele* é muito bom) é geralmente usada por falantes menos escolarizados. Outrossim, seus resultados evidenciaram que a “relativa cortadora” ocorre com maior frequência na linguagem coloquial em detrimento da relativa padrão “O filme a que me referi é muito bom.”

De acordo com Bagno (2007), a variação semântica está relacionada às diferenças de significado de uma mesma palavra, adquiridas ao longo do tempo, espaço, ou em diferentes grupos sociais. Exemplo: “moleque” em algumas regiões do Brasil tem sentido pejorativo (garoto de rua, menino sem educação), já em outras regiões é meramente sinônimo de garoto, menino.

No que tange à variação lexical, segundo Bagno (2007), corresponde à utilização de diferentes palavras para expressar um mesmo significado. Exemplo: Ao elogiar uma pessoa quanto a sua beleza, podemos utilizar os adjetivos: “belo”, “formoso”, “bonito”. A variação lexical também corresponde aos regionalismos, como em: “laranja-cravo”, “mexerica”, “tangerina”, “bergamota”, ou ainda, “mimosa” para designar a mesma fruta. Contudo, Coelho *et al* (2005) acrescentam que, além da associação à variação linguística regional, a variação no nível do léxico pode também estar ligada à situação comunicacional, mais formal ou menos formal, associando-se, portanto, à variação estilística. É pertinente ressaltar que as maiores contribuições para o estudo da variação no nível do léxico é facultado pela Geolinguística através do mapeamento das diferentes áreas linguísticas do português brasileiro. O propósito desses estudos é a elaboração de um atlas linguístico do Brasil. Nesta perspectiva, além do ALIB (Atlas Linguístico do Brasil), o qual está em formação, merecem também destaques os atlas linguísticos regionais, como o ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul), o ALIMA (Atlas Linguístico do Maranhão) e o ALIPA (Atlas Linguístico do Pará).

Bagno (2007) discorre que a variação estilístico-pragmática diz respeito a adequação do discurso, de acordo com a interação social, o nível de formalidade e grau de intimidade entre interlocutores. Exemplo: "Estamos juntos" / "Tamo junto", "Estou vazando" / "Tô vazando". No que tange à variação na dimensão textual/discursiva, que envolvem a significação e o contexto situacional, ou seja, quando a análise se expande para além da frase, de modo a abarcar também porções textuais ou discursivas maiores, segundo Coelho (2005), esses casos são enquadrados como variação discursiva. Palavras que encadeiam trechos discursivos são alvos de análises sociolinguísticas pelo papel que desempenham em contextos situacionais, como as conjunções (“e”, “mas”, “porque”, “portanto”, etc.); expressões de natureza adverbial (“aí”, “assim”, “afinal”, “então”, “consequentemente”, “quanto a”, “por outro lado”, etc.); marcadores discursivos (“quer dizer”, “digamos assim”, etc.) entre outros. Os exemplos a seguir, retirado de amostras orais do *Varsul*,¹ elucidam:

- (1) *Aí* a minha mãe: “Ah! Pois é, mas eu tenho que dar baixa nessa carteira.” *Aí* o cara falou: “É, mas a senhora não quer nada?” *E* a minha mãe disse: “Quer nada o quê?” “É porque nós somos obrigados a vender um ônibus desses pra pagar ele, porque a – a carteira dele não está dando baixa, ninguém deu baixa, né?”

¹ Variação Linguística na Região Sul do Brasil. Pesquisa realizada com informantes florianopolitanos. Extraídos da tese de Maria Alice Tavares (2003) (apud COELHO, 2005).

- (2) A costureira não quis fazer, *então* eu e minha irmã – A minha irmã não sabe costurar muito bem, *daí* ela disse pra ele assim: “Não, mas quando que nós vamos fazer serão”. A minha irmã disse pra ele: “Como nós vamos fazer esse serão, se não tem costureira?” *Daí* ele disse: “Ah, vocês não querem fazer, então dá a carteira que eu dou as contas.”

Nos exemplos acima, os elementos em variação (“e”, “aí”, “daí” e “então”), respectivamente, conjunção, advérbios de lugar e advérbio de tempo, estabelecem, neste contexto, uma relação coesiva entre uma informação precedente e outra subsequente, atuando, portanto, como variantes que constituem uma mesma variável linguística. Nesta perspectiva, Coelho *et al* (2005) alertam para a importância de considerar o contexto real de ocorrência dos dados em análise. Além dessas, temos ainda as expressões discursivas, que se constituem como variantes regionais, como: “mas bah!”, “pô cara, aí...”, “orra meu!”, “oxente/ôxe”, entre outras.

2.3.2. Tipos de Variação Linguística (Diatópica, Diastrática, Diafásica, Diamésica, Diagenérica).

Por se tratar de um sistema vivo e dinâmico, a língua passa por processos naturais de mutações, cujas evoluções são explicadas a partir de estudos diacrônicos do sistema linguístico, como bem ressalta Bagno:

[...] um sistema que nunca está pronto, que o tempo todo se renova, se recompõe, se reestrutura, sem todavia, nunca deixar de proporcionar aos falantes todos os elementos necessários para sua plena interação social e cultural. (BAGNO, 2007, p. 43).

Dessas questões que a Sociolinguística se ocupa: sistematizar o que parece ser o caos linguístico, e demonstrar que os diferentes modos de falar não ocorrem aleatoriamente, de modo fortuito e caótico, ao contrário ela é estruturada, organizada e condicionada por diferentes fatores sejam eles linguísticos e/ou extralinguísticos. Nesse processo de ordenamento, a sociolinguística lança mão de alguns termos específicos que são direcionados às particularidades das distintas variações linguísticas. Bagno (2007) classifica-as como: diatópica, diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica. Sendo assim, adentrarmos, de modo sucinto, a este universo para melhor o compreendermos.

- Variação diatópica ou geográfica - O adjetivo é oriundo do grego DIÁ-, que significa “através de”, e de TOPOS, LUGAR. Como o próprio termo sugere este tipo de variação se verifica na comparação entre os dialetos falados em lugares diferentes. Para melhor elucidar, Bentes e Mussalin (2003) trazem como um dos exemplos a comparação entre a performance linguística entre nordestinos e falantes do sudeste. Há uma alteração de caráter fonológico na pronúncia de vogais médias pretônica – como ocorre na palavra “melado”, as quais são pronunciadas abertas no nordeste e fechadas no sudeste, respectivamente [mɛ ’ladu] e [me’ladu]
- Variação Diastrática ou social – O adjetivo provém de DIÁ-, e do latim STRATUM, “camada, estrato.” Verificável na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais. Estão implicados nesta variação os fatores: (1) classe social, (2) idade, (3) sexo, (4) situação e contexto social. No trecho abaixo MARINHO (2006, p. 28) elucidam a referida variação com o trecho extraído de Travaglia (1997, p. 46), publicado na revista Veja de 21 de setembro de 1977:

Távamos malocados no Vidigal cafungando uma legal, quando embunecamos com a máquina de dois baitolas na viseira. Meu chapa, numa péssima, neurotizou adoidado, levou um caramelo no gorgolejo e meteu lá uma de decúbito sem retorno. Por aí.

O trecho acima é impregnado de gírias, que assim como os jargões profissionais são utilizados como forma de identificação do grupo a que pertence o falante.

- Variação diamésica – O adjetivo provém de DIÁ – e do grego MÉSOS, “meio”, no sentido de meio de comunicação. Verifica-se no estudo comparativo entre língua falada x língua escrita. Por exemplo, o termo “*sígnio*”, escrevemos desta forma, porém na fala pronunciamos “*síguino*”.
- Variação diafásica / estilística ou de registros – Proveniente de DIÁ – e do grego PHASIS, “expressão, modo de falar”. Consiste na adequação do discurso às circunstâncias em que ocorre interação verbal. Neste sentido o falante diversifica sua fala de acordo com a situação que ele se encontra, de menor ou maior formalidade, com menor ou maior grau de reflexão, etc. Assim, o seu desempenho linguístico se diversifica ao conversar com um membro da família, em uma consulta médica, ao dá uma palestra, e demais situações. Segundo Bagno (2007: 45) tudo isso pode ser sintetizado no conceito de monitoramento estilístico. Vale ressaltar que o monitoramento opera só na língua falada, mas também na língua escrita.

- Variação diacrônica – O adjetivo provém de DIÁ – e do grego KHRÓNOS, “tempo”. Visualizável através de estudos comparativos que evidenciam as mudanças ocorridas em diferentes etapas da história de uma língua. Já vimos anteriormente que a mudança é inerente o processo evolutivo língua. Como ilustração, vale a pena conferir um fragmento do texto “Antigamente”, de Drummond:

Antigamente as moças chamavam-se “mademoiselles” e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhe pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. (DRUMMOND, 1962, p. 131.)

Podemos observar que alguns dos termos e expressões, como exemplo de, “*mademoiselles*”, “*prendadas*”, “*pé-de-alferes*”, os quais foram utilizados na crônica de Drummond, poeta modernista do século XX, atualmente não mais se encaixariam nos variados dialetos do português brasileiro. Quiçá, no dialeto das gerações mais velhas, alguns dos elementos supracitados ainda perdurem, todavia, devido o caráter variável da língua, não se pode prever se em mais alguns anos, as gerações atuais saberão os significados de tais expressões.

3 A FONÉTICA E A FONOLOGIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: FUNÇÕES E INTERFACES

A Fonética e a Fonologia caminham tão entrelaçadas entre elas, ao ponto da própria literatura destoar na definição dos seus limítrofes. Se por um lado, a literatura abarca conceitos distintos, por outro, porém, os estudos são consensuais no que tange a interdependência entre ambas as disciplinas. Essa interligação decorre pelo fato de ambas possuírem o mesmo objeto de estudo – *os sons da fala*, ou, de modo mais técnico, “tanto a fonética quanto a fonologia investigam como os seres humanos produzem e ouvem os sons da fala.” (SEARA, 2011, p. 11).

Os esforços em delimitar e submeter tais ciências aos moldes científicos ocorreram ainda nas primeiras décadas do século XX. O pioneiro em apresentar uma distinção entre a fonética e a fonologia foi Baudoin de Courtenay, considerado pela literatura cofundador da Fonologia Estruturalista. Courtenay (*apud* SEARA, 2019) admitia uma distinção entre os sons efetivamente emitidos e os sons que os falantes julgavam fazê-los. Os primeiros (efetivamente emitidos) seriam objeto de investigação fonética; os últimos (os “intencionais”), a que ele denominou de *fonema*, teriam um conteúdo mais ligado ao estudo do sistema, ou seja, ao estudo da fonologia.

Em termos de elucidação, Clark e Yallop (*apud* SEARA, 2019) depreende a comunicação como um ponto crucial, a qual pressupõe alguns requisitos básicos com relação aos interlocutores: um funcionamento físico adequado do cérebro, dos pulmões, da laringe, do ouvido, dentre outros órgãos, responsáveis pela produção e audição (percepção) dos sons da fala. Além desses, deve haver o reconhecimento da pronúncia de cada um dos interlocutores para que aconteça a comunicação. Outro ponto importante a se considerar é a adequada interpretação das ondas sonoras (sons) emitidos pelo falante e captadas pelo ouvinte.

Seara (2019) lança mão dessa reflexão para propor a distinção entre a Fonética e a Fonologia. A primeira estuda a fala a partir da sua fisiologia, ou seja, a partir dos órgãos que a produzem, tais como a língua, responsável pela articulação da maior parte dos sons da fala; e a laringe, responsável principalmente pela produção de “voz” que leva à distinção entre sons vozeados (sonoros) e não vozeados (surdos). A Fonética também oferece suporte para estudá-la a partir dos sons gerados por esses órgãos, ou seja, com base nas propriedades sonoras (acústicas) transmitidas por esses sons. No que tange a Fonologia, é consenso que a fala tem como principal objetivo o aporte de significado, mas, para isso, deve se constituir em uma atividade sistematicamente organizada. O estudo dessa organização, que é dependente de cada

língua, é considerado Fonologia. Assim, a Fonologia pode ser vista como a organização da fala focalizando línguas específicas. Posto isso, poderíamos dizer que uma descrição de como segmentos vocálicos (vogais) podem ser produzidos e percebidos seria fornecida pela Fonética, já uma descrição das vogais do português brasileiro a partir de seus traços opositivos seria proporcionada pela Fonologia.

Em suma, essa distinção se fez pertinente como forma de nos situar nas discussões que serão tecidas a posteriori, uma vez que buscaremos subsídios de ambas as disciplinas para compreender o fenômeno da monotongação na fala coloquial dos amargosenses.

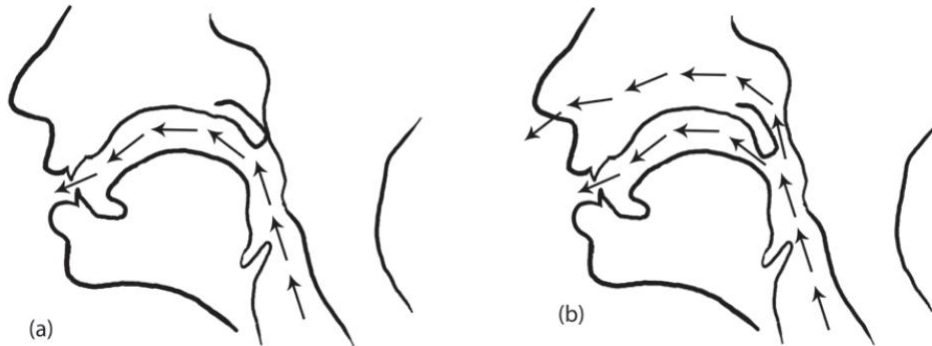
3.1 SEGMENTOS VOCÁLICOS

Estudos de Seara (2011); Silva (2015); Hora (2012); Câmara Jr. (1992; 2013) são alguns referencias da literatura ao se tratar dos segmentos vocálicos. Comumente, o que difere um segmento consonantal de um vocálico é passagem da corrente de ar na produção do som. Como bem ressalta Silva (2015, p. 26):

Entenderemos por segmento consonantal um som que seja produzido com algum tipo de obstrução nas cavidades supraglotais de maneira que haja obstrução total ou parcial da passagem da corrente ar podendo ou não haver fricção. Por outro lado, na produção de um segmento vocálico a passagem da corrente não é interrompida na linha central e, portanto, não há obstrução ou fricção.

Seara (2011) define as vogais como sons produzidos com o ar saindo dos pulmões (fluxo de ar egressivo), e as classificam como orais e nasais. Na produção das orais, o véu do palato fecha a passagem à cavidade nasal, fazendo com que o ar saia somente pelo trato oral. Nas vogais nasais, o véu palatino encontra-se abaixado, permitindo que o ar passe também pelas cavidades ressoadoras nasais. A figura 01 a seguir mostra como o véu do palato se posiciona na produção de vogais orais (a) e nasais (b).

Figura 1: a posição da úvula na produção de segmentos orais (esquerda) e segmentos nasais (direita)



Fonte: (Adaptado de OLIVEIRA e BRENNER, 1988, p. 46, *apud* SEARA, 2011, p. 26)

A figura (1) acima ilustra a posição do véu do palato na produção de vogais (a) orais (como na produção da vogal da palavra lá) e (b) nasais (como na produção da vogal da palavra lâ).

Segundo Câmara Jr. (1992), a realidade da língua oral é muito mais complexa do que dá a entender o uso aparentemente simples e regular das cinco letras latinas vogais na escrita. O que há são 7 fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones. Por esse motivo, os falantes de língua espanhola, por exemplo, têm dificuldade de entender o português falado, apesar da grande semelhança entre as duas línguas, por causa dessa complexidade em contraste com a relativa simplicidade e consistência do sistema vocálico espanhol. Portugueses e brasileiros, ao contrário, acompanham razoavelmente bem o espanhol falado, porque se defrontam com um jogo de timbres vocálicos menor e menos variável que o seu próprio. “Os segmentos vocálicos são descritos levando-se em consideração os seguintes aspectos: posição da língua em termos de altura; posição da língua em termos anterior/posterior; arredondamento ou não dos lábios”. (SILVA, 2015, p. 66).

Camara Jr. (1992) se inspirou no “sistema vocálico triangular” proposto por Trubetzkoy (1929 *apud* Câmara, 1992, p. 37). Há uma série de vogais anteriores, com um avanço da parte anterior da língua e a sua elevação gradual, e outra série de vogais posteriores, com um recuo da parte posterior da língua e a sua elevação gradual. Nestas há, como acompanhamento, um arredondamento gradual dos lábios. Entre umas e outras, sem avanço ou elevação apreciável da língua, tem-se a vogal *lal* como vértice mais baixo de um triângulo de base para cima. A articulação da parte anterior, central (ligeiramente anterior) e posterior da língua dá a classificação articulatória de vogais - anteriores, central e posteriores.

A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá a classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de 1º grau (abertas), vogais médias de 2º grau (fechadas) e vogais altas. O dispositivo fica o seguinte:

Figura 2: Vogais tônicas (Camara Jr., 1992)

altas	/u/			/i/	
médias	/ô/			/ê/	(2º grau)
médias		/ò/		/è/	(1º grau)
baixa			/a/		
posteriores	central		anteriores		

Segundo Camara Jr. (1992), no português do Brasil, a posição da vogal tônica² diante de consoante nasal na sílaba seguinte (ex.: *amo, lenha, sono*) elimina as vogais médias de 1º grau e torna a vogal baixa central levemente posterior, em vez de anterior, o que auditivamente lhe imprime um som abafado. Como podemos constatar na Figura 03.

Figura 3: Vogais tônicas diante de consoante nasal (Camara Jr., 1992)

Diante de consoante nasal na sílaba seguinte:

altas	/u/			/i/
médias		/o/		/e/
baixa			/a/	
			[â]	

Concernente à nasalização das vogais, Câmara Jr. (2012) faz distinção entre nasalidade fonética e nasalidade fonológica. O que acontece no Quadro (2) é uma leve nasalização de uma vogal em contato com uma consoante nasal da sílaba seguinte no mesmo vocábulo, sem distinção de significado, ou seja, uma nasalidade fonética. Diferente, porém, da

² A sílaba tônica é a sílaba mais proeminente da palavra. As sílabas menos proeminentes se denominam sílabas átonas. Sendo assim, as sílabas átonas antes da tônica se denominam pré-tônicas e as depois se denominam pós-tônicas. (HORA, 2012, p. 17)

nasalização fonológica, que pressupõe alteração de significado, a exemplos de [sītU] e [sitU] / [lēda] e [leda].

Há, porém, outras representações ao considerar a alofonia das posições átonas. Câmara Jr. adverte que todos os fonemas vocálicos, em termos fonéticos, apresentam variação articulatória e auditiva, o que nos remete ao processo de *neutralização*, termo clássico introduzido na literatura por Trubetzkoy; “isto é, mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois.” (CÂMARA JR. 2013, p. 43). Quanto à naturalização, ela é diversa segundo a modalidade de posição átona. Assim sendo, de acordo com a representação de Câmara Jr., e análise de Matos e Silva (1994), temos em linhas gerais, no Brasil, um sistema de três vogais em posição final de vocábulo (figura 06) – as duas altas /i u/, e a baixa /a/ e um sistema de cinco elementos em posição não acentuada não final (figura 04), em que as vogais altas e a baixa estão presentes, mas em que a posição entre as médias, tanto as anteriores [ɛ] e [e] como as posteriores [ɔ] e [o], se neutraliza, decorrendo disso as realizações fonéticas variáveis - [ɛ] – [e], [ɔ] [o] – que marcarão dialetos regionais diferentes. Nas vogais médias não finais depois de vogais tônicas (figura 05), há neutralização entre /o/ e /u/, mas não entre /e/ e /i/. No primeiro caso, a grafia com “o” ou com “u” é uma mera convenção da língua escrita, ex: pérola, ídolo, etc. Ao contrário, há distinção entre /e/ e /i/, embora seja difícil encontrar pares mínimos.

Figura 4: Vogais pré-tônicas (Camara Jr., 1992)

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	

Figura 5: Vogais postônicas (Camara Jr., 1992)

altas	/u/	/i/
média	/../	/e/
baixa	/a/	

Figura 6: Vogais átonas finais (Camara Jr., 1992)

altas	/u/	/i/
baixa	/a/	

Cabe, pois, concluir que a classificação usada por Câmara Jr., (1992) foi feita com base do dialeto culto carioca. Contudo, como é ressaltado por Hora (2012), o comportamento das vogais no português do Brasil apresenta-se de forma variável, atestado pelas inúmeras pesquisas sociolinguísticas realizadas no país. Sendo assim, compreendemos que o contexto das vogais átonas é bastante complexo, no que concerne à heterogeneidade existente na língua.

3.2 DITONGOS

Segundo Aragão (2000), atualmente, a língua portuguesa é formada por 36 ditongos, sendo 15 decrescentes (vogal + semivogal) e 21 crescentes (semivogal + vogal) entre orais e nasais:

1) Decrescentes: Orais: [ay, ey, ey, oy, oy, uy, aw, ew, ew, iw] Nasais: [ãy, ãy, õy, ãy, ãw]

2) Crescentes: Orais: [ya, ye, ye, yi, yo, yo, yu, wa, we, we, wi, wo, wo, wu] Nasais: [yã, yẽ, yõ, wã, wẽ, wĩ, wõ]

Silva (2013) define *ditongos* como uma sequência de segmentos. Um dos segmentos é interpretado como uma *vogal* e o outro é interpretado como “semivocoide, semicontoide, semivogal, vogal assilábica” ou de “glide” (SILVA, 2013, p. 73). E quanto à proeminência acentual dos ditongos, classifica:

Chamamos de *ditongo decrescente* aqueles em que a proeminência acentual ocorre na primeira vogal – em que temos uma sequência de vogal-glide[...] chamamos de *ditongo crescente* aqueles em que a proeminência acentual ocorre na segunda vogal – em que temos uma sequência de glide-vogal (SILVA, 2013, p. 75)

Numa proposta defendida por Câmara Jr. (1992), os glides dos ditongos são, fonologicamente, vogais em posição periférica dentro da sílaba, a despeito disso, os ditongos apresentam o padrão silábico VV, ou seja, pertencem ao núcleo das vogais. Assim, em estrutura subjacente de um ditongo, como na palavra *leite*, temos, nas propostas de Câmara Jr. (1992), o glide do ditongo representado como V, e expresso pelo padrão silábico /CVV.CV/.

Convém ressaltar, conforme exposto, que estes estudiosos, tanto Silva (2013) quanto Câmara Jr. (1992), defendem que todas as vogais de um ditongo decrescente ocupam o núcleo da sílaba, não considerando, então, o glide como assilábico. Esses ditongos, capazes de sofrer

redução, são classificados na literatura específica como ditongos leves, uma vez que os verdadeiros ditongos não sofrem redução. Hora (2012) os classifica em:

Ditongos leves	Verdadeiros ditongos
Ex: c[aj]xa ~ c[a]xa	Ex. b[aj]rro ~ *b[a]rro
f[ey]ra ~ f[e]ra	m[ey]go ~ *m[e]go
c[ow]ro ~ c[o]ro	m[ey]ga ~ *m[e]ga

Numa perspectiva próxima, Bisol (2001) subdivide os ditongos em outros dois grupos: o falso e o verdadeiro ditongo. Para a autora, o verdadeiro ditongo é invariante, uma vez que está representado na estrutura subjacente da língua por duas vogais. Já o falso, possui, na estrutura subjacente, uma única vogal, estando a semivogal em um nível mais próximo à superfície, podendo, vez ou outra, manifestar-se ou não.

Segundo Paiva (2003), a realização variável da semivogal [y] nos ditongos decrescentes [ey] e [ay] é um fenômeno largamente disseminado no PB. Acredita-se que tenha sido transportado para Península Ibérica pelos próprios colonizadores, o que evidencia o seu enraizamento nas origens do português, não sendo possível, porém, precisar o momento exato dos primeiros focos, bem como sua difusão.

3.3 O FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO: ESTUDOS VARIACIONISTAS

A redução dos ditongos crescentes já foi objeto de diversos estudos, num universo que abrange autores das mais variadas regiões que contemplam o português brasileiro (Paiva, 2003; Aragão, 2000; Freitas, 2017; Toledo, 2011 dentre outros). Pesquisas exaustivas propõem análises minuciosas de como se comportam esses ditongos, tanto nos seus aspectos práticos quanto teóricos. Segundo Silva (2013), já mereceu atenção na literatura, mas merece ainda amplo estudo nos diferentes dialetos do português.

Paiva (2003) empreendeu estudos sobre a variável da semivogal [y], com o objetivo de identificar, a partir de observações no tempo real, sua trajetória no comportamento linguístico do indivíduo e na comunidade da fala. A pesquisa foi realizada considerando a variedade carioca, contemplando, particularmente, a variação [ey]/[e], cujo alternância, segundo o mesmo, é mais significativa do que a variabilidade entre [ay]/[a]. A autora considera duas

sincronias, num interstício que varia de 16 a 20 anos, com o objetivo de evidenciar a ação da variável tempo sobre as alternâncias das referidas variantes, associando observações do tempo aparente às observações do tempo real.

Paiva (2003) percebe, num primeiro confronto de análises, uma estabilidade das variações em análise, tanto em relação ao indivíduo quanto na comunidade de fala. Nesse primeiro confronto, suspeita que “a ação do fator tempo é inoperante no que tange à comunidade e ao indivíduo” (PAIVA, 2003, p. 32). Vale ressaltar que os grupos de indivíduos (informantes) foram divididos entre aqueles que, no intervalo de tempo considerado, aumentaram em anos de escolarização e os indivíduos que estacionaram nesse mesmo processo. Paiva (2003) percebeu um efeito positivo do aumento da escolarização sobre a trajetória da variação entre [ey]/[e]. Todavia, em comparação com as análises dos falantes que mantiveram nível de escolarização inalterado, sugere que a trajetória de recuo da variante monotongada nos indivíduos recontactados pode ser independente da variável escolaridade e estar associadas a outros fatores, uma vez que os últimos, em sua maioria, “ocorre nítido decréscimo dos índices percentuais e dos pesos relativos, com indicações de recuo da variante monotongada” (PAIVA, 2003, p. 35).

Segundo a autora, o aspecto lexical do item poderá ter influenciado no resultado da pesquisa. Propondo uma análise numa outra perspectiva, Paiva (2003) considera as variáveis, sexo (feminino) e faixa etária como características influenciadoras no declínio regularmente no uso da variante monotongada. No que tange à faixa etária, Paiva (2003) argumenta que o recuo a variante monotongada se faz perceptível também para representantes da faixa etária mais avançada, o que, segundo o mesmo, “permite aventar a hipóteses de que a redução do ditongo [ey] constitua um caso de mudança geracional, com indivíduos mudando ao longo da sua vida e a comunidade mantendo estável.” (Paiva, 2003, 37). Uma evidência adicional, que corrobora a suspeita da autora, é facultada com base na análise da Amostra Censo, que apontaram a predominância da variante monotongada entre falantes mais jovens (7-14 anos). Segundo Paiva (2003), amostras evidenciam que esse índice tende a declinar, regularmente, nas faixas etárias seguintes, estabilizando-se a partir de 26 anos. Entretanto, a autora ressalta que essa correlação com faixa etária não está conclusiva, e salienta que outras variáveis “podem estar na origem de algumas das diferenças de direcionalidade do comportamento linguístico do indivíduo.” (PAIVA, 2003, p. 39).

Concernente à atuação de princípios estruturais como motivação na variabilidade do ditongo [ey], Paiva (2003) destaca a relevância do modo e do ponto de articulação do segmento à direita para a instanciação da variante monotongada, a saber, a presença da

vibrante simples (madeira, feira) e das fricativas (deixar, beijo) teve efeito positivo para a ocorrência da variação, em oposição aos segmentos oclusivos dentais (direito, conceito) que não permitem a monotongação de [ey].

Em uma segunda análise, considerando a segunda sincronia (final da década de 1990), Paiva (2003) constatou que a variação na redução do ditongo [ey] antes da vibrante simples, como previsível, configurou-se um quadro de mudança praticamente categórico, com a maioria dos indivíduos produzindo apenas a variante monotongada. Contudo, a monotongação do [ey] no contexto da fricativa palatal fez um percurso inverso, constatando menor ocorrência no comportamento linguístico individual, o que segundo a autora, vai ao encontro do que já fora acenada acerca da possível correlação com a variável faixa etária, haja vista a evolução dos entrevistados na respectiva variável no interstício entre a (I) e a (II) amostra. Poderia ainda, atribuir o referido resultado ao processo de escolarização sofrido pelos falantes, contudo, Paiva afirma que “essa possibilidade parece ficar enfraquecida pelo fato de que essa direcionalidade de realização de [y] no contexto de fricativa palatal se manifesta igualmente entre indivíduos que estacionaram no seu processo de escolarização.” (PAIVA, 2003, p. 44). Destarte, no que reflete o recuo da variante monotongada, no confronto entre ambas as sincronias, fica evidenciado uma inclinação de natureza geracional, o que não exclui o processo de escolarização e um maior contato com a forma escrita da língua como fatores motivacionais nesse processo. Além disso, em alguns contextos operaram aspectos estruturais, em especial as propriedades de ponto e modo de articulação do segmento seguinte.

Aragão (2000) foi mais abrangente no quesito territorialidade. A autora abordou na pesquisa os falares de Fortaleza, nas comunidades de: a) Serrinha; b) Maracanaú; c) Parquelândia; d) Monrese; e) Conjunto esperança; f) Nova Assunção; g) João XXIII; h) Damas; i) Quintino Cunha; j) Ellery; k) Henrique Jorge. Foram consideradas para a realização dessa pesquisa as variáveis: regionalidade, sexo, faixa etária, grau de escolaridade e classe social. Conforme Aragão (2000), conclui-se que, quanto:

i) Ao contexto posterior:

Os fonemas consonantais: /ʃ/, /ʒ/, /ɺ/, respectivamente, fricativas e vibrante simples, em posição posterior ao ditongo, facilitam sua monotongação, (casos também abordados por Paiva (2003); Bisol 1989). Como nos exemplos:

- a) “baixa” [ˈbaʃa];
- b) “paixão” [paˈʃãu];
- c) “feijão” [feˈʒãu];
- d) “queijo” [ˈkeʒu];

- e) “touro” [ˈtoʁ u];
- f) “feira” [ˈfɛi a].

ii) À extensão da palavra:

Segundo Aragão (2000), quanto maior o número de sílabas na palavra, maior será a frequência da redução do ditongo [ey]/[ay]. Exemplos:

- a) “brasileira” [bʁaziˈleʁa];
- b) “aleijado” [aleˈʒadu];
- c) “manteiga” [mãˈteʒa];
- d) “apaixonado” [apaʃonadu].

iii) Ao registro:

Aragão (2000) esclarece que os dados foram obtidos a partir de conversas e entrevistas informais entre o pesquisador e o informante e entre médico e paciente, de forma a mais espontânea possível. Percebeu-se com essa metodologia que o registro coloquial, informal e familiar é o que mais favorece a monotongação. A autora discorre que as variantes sociais tiveram pequena relevância, ao passo que, segundo a mesma, o registro de fala foi decisivo para ocorrência do fenômeno. Assim sendo, Aragão conclui que “o fenômeno da ditongação e da monotongação no falar de Fortaleza não é diatópico, é parcialmente diastrático e completamente lingüístico: fonético por excelência.” (ARAGÃO, 2000, p. 08).

O comportamento do ditongo [ej] também foi estudado por Toledo (2011) na comunidade de fala de Porto Alegre, RS. Nesse estudo, o autor realizou análise em tempo aparente e em tempo real, a fim de observar a variação em diferentes faixas etárias e indicativos de possível mudança linguística. Para tanto, foram utilizadas amostras do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) obtidas na década de 1970 e recontadas pelo Projeto Variação Linguística no Sul (VARSUL) em 1990.

A pesquisa de Toledo (2011) contou com 1971 dados, os quais foram submetidos ao programa de análise estatística GoldVarb 3.0 e analisados com base nos fatores linguísticos e sociais: Contexto fonológico seguinte, tonicidade, natureza morfológica e classe de palavras, faixa etária e sexo. A observação em tempo aparente identificou que o fenômeno da monotongação do [ej] no português de Porto Alegre, RS, é condicionado por fatores fonológicos e morfológicos, no primeiro caso este é recorrente quando diante de tepe e fricativa palatal e no segundo caso pelas formas não verbais.

Ao comparar as amostras em tempo real, isto é, a observação da variável de um período temporal a outro, Toledo (2011) observou que a monotongação do [ej] é um fenômeno de variação estabilizado, o qual não apresenta indícios de mudança. Vale destacar que, os condicionadores sociais não tiveram destaque na referida pesquisa, tendo em vista que, de acordo com o autor os estudos variacionistas não apresentam consonância em relação a influências desses fatores sobre a variação do fenômeno estudado.

Posteriormente, a variação do ditongo [ej] foi estudada por Cysne (2016), em sua dissertação de mestrado intitulada “A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza”. No referido estudo o autor se propôs a pesquisar o comportamento dessa variável em contextos CVC (consoante-vogal-consoante), tendo como público alvo falantes da capital cearense. Para a averiguação de tal fenômeno, utilizou-se uma amostra de 54 informantes, retirada do corpus do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Assim, partindo dos pressupostos da sociolinguística Variacionista, o autor fez uso do programa GOLDVARB X, a fim de contabilizar a influência dos fatores sociais e linguísticos sobre a escolha dos falantes em relação à manutenção ou redução do ditongo.

No total foram contabilizados 1941 dados, dentre os quais 68% foram favoráveis a monotongação, ao passo que 32% conservaram o ditongo.

Diante disso, para empreender melhor a análise desses dados, Cysne (2016) selecionou seis fatores linguísticos (contexto fonético seguinte, contexto fonético precedente, tonicidade da sílaba, extensão do vocábulo, natureza morfológica e classe de palavras) e três sociais (sexo, escolaridade e faixa etária).

Os resultados demonstraram que o fator classe de palavras exerce forte influência em relação à variação do [ej], dentro da qual os nomes foram os que se mostraram mais favoráveis a supressão do ditongo analisado. Segundo o autor, esse resultado ocorre devido ao fato dessa classe ser maior que as demais, como numerais e advérbios.

Na sequência, aparece a extensão do vocábulo, o qual revelou os dissílabos como principal condicionante da monotongação. E, por último, a variável tonicidade, indicando a sílaba tônica como favorável a redução do ditongo, ao passo que, a sílaba átona manteve o padrão formal da língua. Já no âmbito das variáveis sociais, o nível de escolaridade foi o único fator extralinguístico que exerceu influência decisiva sobre o fenômeno de supressão do [ej], pois a análise do nível de instrução escolar apontou que tal redução acontece com maior frequência entre os informantes de zero a quatro anos de escolarização, ao passo que os níveis de maior escolaridade se mostraram desfavorecedores quanto ao emprego do monotongo.

Na pesquisa de Cysne (2016), as variáveis sociais sexo e faixa etária se comportaram como não condicionantes a monotongação. Segundo o autor, os dados relacionados a idade dos informantes mostraram não haver um processo de mudança linguística no que diz respeito a supressão do ditongo [ej], mas um caso de variação estável.

Em (2017) o fenômeno da monotongação foi objeto de estudo de Santos e Almeida, os quais investigaram a variação do ditongo [ej], no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre, localizada no município de Presidente Trancedo Neves, Ba.

Para a constituição do corpus da pesquisa os autores realizaram 12 entrevistas sociolinguísticas com falantes nativos da comunidade, seis homens e seis mulheres, distribuídas em três faixas etárias: 20 a 40 anos, 41 a 60 anos e acima de 60 anos. Assim, a pesquisa contou com uma amostra 600 dados, os quais foram analisados por meio do programa GOLDVARB X. Em posse dos dados, os autores buscaram investigar os fatores linguísticos e sociais que regem o fenômeno da monotongação na fala dos informantes da comunidade de Alto Alegre.

Os resultados obtidos por Santos e Almeida (2017), demonstraram que, no que diz respeito aos aspectos linguísticos, o interior e a extensão dos vocábulos são fortes condicionantes à monotongação. Em consonância com os autores, os vocábulos dissilábicos são mais propensos ao apagamento do ditongo, em oposição aos monossílabos os mais propícios à manutenção da variável /ey/.

No que tange aos fatores extralinguísticos, tal pesquisa evidenciou que o fator faixa etária é determinante em relação a redução do ditongo na comunidade de Alto Alegre, pois os dados constataram que os falantes mais velhos são os que mais realizam a supressão do ditongo.

O comportamento dos ditongos decrescentes na fala coloquial também foi foco da pesquisa de Freitas (2017), cuja essência foi evidenciar o fenômeno da monotongação de ditongos orais decrescentes na fala Uberabense. A estudiosa utilizou a teoria da Variação Linguística, considerando os seguintes passos: definição do objeto de estudo; escolha da comunidade de fala; coleta de dados e codificação dos dados. Para a efetivação desse último passo, Freitas utilizou o programa *Goldvarb X*, ferramenta bastante explorada em pesquisas dessa natureza. Para o embasamento teórico, Freitas utilizou estudo de referências tanto na área sociolinguística quanto fonológica, a exemplos de Tarallo (1990); Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]); Paiva (1996); Silva, 2004; Hora, 2007; Seara, 2008.

Freitas (2017) analisou quais fatores linguísticos, dentre eles: contexto fonológico seguinte, tonicidade e número de sílabas, e os fatores extralinguísticos, a saber: sexo, faixa

etária e escolaridade, são condicionantes na ocorrência ou não do fenômeno da monotongação. A pesquisa de Feitas destacou os fatores extralinguísticos como influenciadores relevantes para o fenômeno. Neste contexto, as análises corroboram a predominância dos condicionantes interno da língua como favorecedores à ocorrência do suprimento da semivogal em ditongos decrescentes.

A autora considerou os ditongos decrescentes, [ay]/ [ey] e [ow], com os respectivos levantamentos: 3%, 65% e 32% de ocorrências. Segundo a autora, em relação à realização do ditongo /aj/, não foi identificada uma diferença significativa entre as formas monotongadas e as que optaram pela manutenção do ditongo. No que tange ao ditongo [ey] observou-se que fatores linguísticos como tonicidade e contexto fonológico seguinte são altamente favorecedores ao uso da monotongação. Na análise de /ow/, os grupos de fatores que influem diretamente nesse resultado são contexto fonológico seguinte e extensão da palavra. Assim sendo, percebemos pouca (ou nenhuma) influência de variáveis sociais para a realização da monotongação, o que evidencia ser um fenômeno de caráter fonológico.

Por meio da análise dessas pesquisas foi possível observar que a variação do ditongo [ey] no português coloquial do Brasil é influenciada, sobretudo, por fatores linguísticos. Contudo, é importante ressaltar que apesar dos fatores sociais não se comportarem como condicionantes da monotongação, nas pesquisas citadas acima, a observação cuidadosa dessas variáveis demonstra que esse é um fenômeno estável e que não há indicativo de mudança linguística.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As pesquisas sociolinguísticas, iniciadas nas décadas de 60, cuja principal referência fora o americano William Labov, nos revelaram a relação entre língua e sociedade, e, nos dias atuais, podemos dizer que já tivemos consideráveis avanços nestas pesquisas. São muitos

os estudiosos que buscam a metodologia sociolinguística com intuito de elucidar a intervenção de condicionantes sociais em eventos da fala.

O aporte teórico-metodológico adotado nesta pesquisa teve embasamento nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista ou Laboviana. Coan e Freitag (2010) ressaltam que a sociolinguística laboviana não é uma teoria da fala, nem o estudo do uso da língua com o propósito exclusivo de descrevê-la, mas o estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (langue).

Com base no exposto, foram considerados os seguintes passos: i) delimitação do objeto de estudo; ii) escolha da comunidade de fala; iii) coleta de dados e iv) codificação dos dados. O objeto dessa pesquisa é o estudo da monotongação na fala coloquial dos amargosenses. Apesar das incidências desse fenômeno em todo território brasileiro, ainda são poucas as pesquisas voltadas nesta perspectiva, sobretudo na Bahia.

4.1 A COMUNIDADE AMARGOSENSE

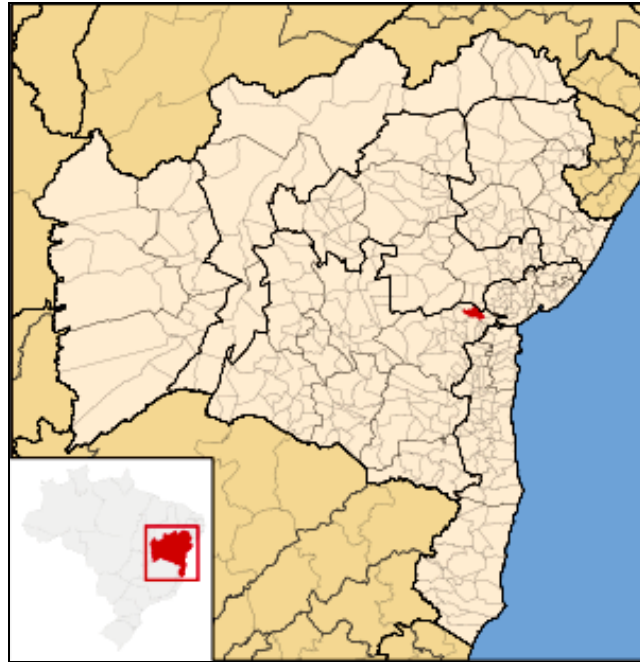
Figura 7: Praça Louriva Monte. Amargosa- Ba



Fonte: Abreu, Raphael Lorenzeto. Mapa do estado da Bahia. 2006. Disponível em: <Image: Bahia MesoMicroMunicip.svg> Acesso 01 de set. de 2019

O município, lócus dessa pesquisa fica situado no interior do estado da Bahia, vê mapa 01, com população de aproximadamente 37.241 habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano corrente.

Figura 8: Localização da cidade de Amargosa na Bahia



Abreu, Raphael Lorenzeto. Mapa do estado da Bahia. 2006. Disponível em: <Image: Bahia MesoMicroMunicip.svg> Acesso 01 de set. de2019.

Sobre a história da cidade, Galvão (2012), afirma que a Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho de Amargosa foi criado em 1887 (pela resolução provincial nº 1.726 de 21 de abril de 1877) mais tarde em 19 de junho de 1981 foi elevada a cidade reduzindo o nome para Amargosa.

De acordo com o autor a denominação da cidade foi motivada por um pássaro, de carne amarga, abundante na região: a pomba-amargosa (*Patagioneas Plumbea*).

Ainda segundo Galvão, o crescimento da cidade foi impulsionado pela construção da linha férrea em 1892, a qual servia como transporte de pessoas e para escoar produtos agrícolas (café, fumo) produzidos no município. Todavia, em 1966, ocorreu o encerramento da linha férrea causando um declínio econômico na cidade.

Atualmente a cidade tem sua economia sustentada basicamente na agricultura. O comércio também vem se desenvolvendo bem como o turismo, com a festa de São João.

A implantação do Centro de Formação de Professores (CFP)- campus da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)- criada pela Lei 11.151 de 29 de julho de 2005, exerce influência significativa para a comunidade de Amargosa, tanto na produção de conhecimento, quanto na economia local.

Em suma, a cidade de Amargosa, é reconhecida por seus belos jardins, que lhe rendeu o qualificativo de Cidade Jardim, e seu povo hospitaleiro.

4.2 O CORPUS E AS VARIÁVEIS

Com o objetivo de mapear o fenômeno de Monotongação na Linguagem Coloquial dos falantes Amargosenses, a presente pesquisa analisou o *corpus* composto por 12 informantes, divididas quanto ao sexo (6- masculina e 6- feminina). Quanto a idade foi segmentada em duas faixas (faixa etária I: de 25 à 44 anos) e (faixa etária II: à cima de 44 anos).

As entrevistas utilizadas nessa pesquisa faz parte da amostra do *Projeto Acervo da Língua Falada na Cidade de Amargosa/ Elísio Medrado*, realizado sob a coordenação do professor Gredson dos Santos, em 2017, e desenvolvido na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O material foi cedido para a execução da presente pesquisa pelo coordenador do projeto.

Assim, esse estudo contou com uma amostra de 235 dados (na primeira rodada). Cogitou-se selecionar as vinte primeiras ocorrências do fenômeno nas entrevistas, porém em só foi possível obter essa quantidade em 5 entrevistas nas demais foram encontradas: 3 entrevistas (18 ocorrências), 2 entrevistas (19 ocorrências), 1 entrevista (22 ocorrências) e 1 entrevista (21 ocorrência), totalizando 235 dados. Desse modo, realizou-se uma segunda rodada igualando a quantidade de 18 ocorrências por entrevista, e, totalizando 216 dados, os quais foram analisados por meio do programa GOLDVARB X.

4.3 GRUPOS DE FATORES

Concernente as variáveis, o presente estudo considerou; variável dependente e variável independente. A variável dependente estudada foi à alternância entre ausência e presença da semivogal /y/ no ditongo /ey/.

As variáveis independentes foram divididas em: linguística e social. As variáveis linguísticas definidas foram:

- 1) tonicidade da sílaba em que ocorre a variável: tônica ou átona;
- 2) extensão do vocábulo: monossílabo, dissílabo, trissílabo ou polissílabo;
- 3) características da consoante ou vogal antecedente: oclusivas alveolares (/t/, /d/), oclusivas velares (/k/, /g/), oclusivas labiais (/p/, /b/), fricativas labiais (/f/, /v/), africadas (/tʃ dʒ/), nasal labial (/m/), nasal alveolar (/n/), lateral (/l/), fricativa alveolar (/s/, /z/), fricativa alveopalatal

(/j/,/z/), fricativa velar (/x/, /ʁ/), tepe (/r/) central baixa /a/, anterior média aberta /ε/, anterior média-fechada /e/, posterior média aberta /ɔ/, posterior média fechada /o/, posterior alta /u/ ou anterior alta /i/;

4) sonoridade da consoante pretendente: consoante sonora, não sonora ou vogal;

5) características da consoante ou vogal seguinte; oclusivas alveolares (/t/, /d/), oclusivas velares (/k/, /g/), oclusivas labiais (/p/, /b/), fricativas labiais (/f/, /v/), africadas (/tʃ dʒ/), nasal labial (/m/), nasal alveolar (/n/), lateral (/l/), fricativa alveolar (/s/, /z/), fricativa alveopalatal (/j/,/z/), fricativa velar (/x/, /ʁ/), tepe (/r/) central baixa /a/, anterior média aberta /ε/, posterior média fechada /o/, posterior média aberta /ɔ/, posterior alta /u/;

6) sonoridade da consoante seguinte; vozeada (sonora) ou desvozeada (não sonora);

7) localização do ditongo na estrutura; radical ou sufixo;

8) classe morfológica do vocábulo: nominais (substantivos e adjetivos), advérbios, verbos e determinantes.

No que tange as variáveis sociais:

1) *sexo* (masculino e feminino);

2) *faixa etária*, dividida em faixa etária I (que compreende de 25 à 44 anos) faixa etária II (acima de 44 anos);

3) *escolaridade* dividida em 1 (até 5 anos de estudos) e 2 (2º grau completo).

4.4 O PROGRAMA GOLDVARB X

O Goldvarb X é uma versão do programa computacional VARBRUL, utilizado como ferramenta quantitativa para a Sociolinguística, podendo ser caracterizado como: “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007, p. 105).

Segundo Scherre (2012), o Goldvarb X efetua a análise e calcula a frequência absoluta e relativa das variantes. Embora não seja o único programa computacional para esse fim, segundo a autora, é o mais usado no Brasil.

Concernente à análise da variável, o programa efetua a análise binominal. Assim, a variável estudada nessa pesquisa foi de alternância binária entre ausência e presença da monotongação do ditongo /ey/.

Os resultados obtidos no programa GoldVarb X serão demonstrados e analisados no próximo capítulo.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados da análise da monotongação de /ey/ na fala coloquial dos amargosenses. Os dados foram obtidos por meio da utilização do programa GOLDVARB X. O programa não selecionou nenhuma variável social como fator propício a monotongação, corroborando com a pesquisa de Toledo (2011), o qual concluiu que os condicionadores sociais não tiveram destaque na variação.

5.1 UMA ANÁLISE DA SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE A MONOTONGAÇÃO DE /EY/ NA CIDADE DE AMARGOSA-BA

O fenômeno de monotongação consiste na supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. Essa variante é um fenômeno que ocorre habitualmente entre os falantes brasileiros, compondo o leque das diversidades de falares existentes no nosso país.

A seguir serão apresentados os resultados da análise da monotongação de /ey/ por meio da utilização do programa GOLDVARB X.

TABELA 1: Distribuição das variantes no corpus

Variantes	Nº/Total	%
E	140/235	59,6
Ey	95/ 235	40,4
Total	235	

Log likelihood = -23.324 Significance = 0.048

(Fonte: dados da pesquisa)

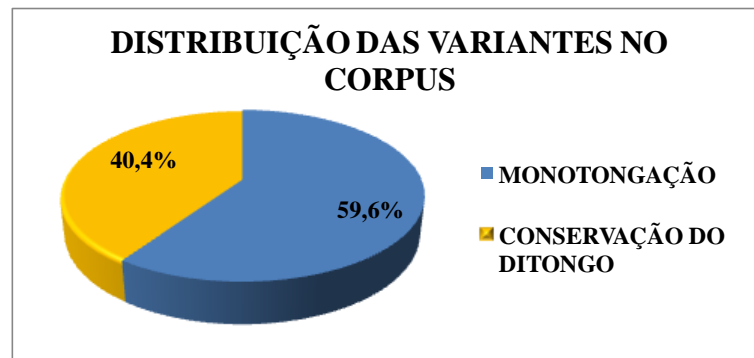
Os dados da Tabela acima revelaram que os resultados foram favoráveis a monotongação, com percentual de 59,6%, e 40,4 % daqueles que optaram pela variável padrão o ditongo. Tal resultado está em consonância com Santos e Almeida (2017), para os quais o fenômeno de monotongação tem característica forte e está se consolidando nas normas populares. Em seu estudo na comunidade quilombola de Alto Alegre (já citado anteriormente) os autores obtiveram um resultado de 60,2% de monotongação.

Em um estudo comparativo entre os ditongos decrescentes orais, a saber: [ay]; [ey] e [ow], realizado por Freitas (2017), ficou evidenciado, no que tange ao ditongo [ey], a preferência pela forma monotongada, diferentemente, do que ocorre com o ditongo [ay], cuja

preferência consiste na manutenção do ditongo. Similar a este, o estudo comparativo de Aragão (2000), aponta também predominância pela variável monotongada nos ditongos [ey]. Os resultados são coerentes com o que dizem outras pesquisas já realizadas em relação a esse fenômeno pelo Brasil, por exemplo: Paiva (2003) 65% e Toledo (2011) 61%.

Para empreender melhor a análise os dados estão exibidos no gráfico abaixo:

GRÁFICO 1: Distribuição das variantes no corpus



(Fonte: Dados da pesquisa)

Diante disso, é possível verificar que o fenômeno de monotongação tem caráter predominante na comunidade de fala analisada.

5.1.2 Influência da Variável *Extensão do Vocábulo* para a Monotongação

Como já esperado, a variável extensão do vocábulo é apontada como fator condicionante para a não realização do ditongo, conforme *Tabela 2*.

TABELA 2: Influência da variável extensão do vocábulo para não realização do ditongo /ey/ em Amargosa-Ba

Extensão do vocábulo	Apl./Total	%	P.R
Polissílabos	37/ 51	72,5	0.81
Trissílabos	64/ 99	64,6	0.40
Dissílabo	39/ 73	53,4	0.37
Total	140/ 223	62,8	

Log likelihood = -23.324 Significance = 0.048

(Fonte: Dados da pesquisa)

Em análise, percebemos que as palavras polissílabas, como exemplo: “brasileira” [bfazi’lefa], com peso relativo de 0,81 e porcentagem de 72,5, são os contextos que mais favorecem a monotongação. Já os dissílabos (53,4 % e P. R = 0,37) e os trissílabos (64,6 % e P.R = 0,40) favorecem o ditongo. O referido resultado coaduna com o estudo de Aragão (2000), realizado em Fortaleza. A autora chegou a conclusão que quanto maior o número de sílabas na palavra, maior será a frequência da redução do ditongo. Contudo, os dissílabos foram majoritários para o apagamento da semivogal nas pesquisas aqui analisadas. Verificou sua predominância nos estudos de Santos e Almeida (2016) com peso relativo de 0,71. A influência dos dissílabos como aliados a regra, também foi apontado em Toledo (2016) com P.R. = 0,548. Contudo, a despeito dos resultados destoarem no tocante aos condicionantes a redução da semivogal, as pesquisas são consoantes ao apontarem os segmentos monossílabos como favorecedores à manutenção do ditongo, como conclui Santos e Almeida: “[...] quando se observa que os vocábulos monossilábicos são os mais propícios à manutenção do ditongo, isso significa que quanto mais material fônico tiver o vocábulo, mais propenso ele está à perda de segmentos.” (SANTOS e ALMEIDA, 2017, p. 246)

5.1.3 Influência da Variável Sonoridade no Contexto Precedente para a Monotongação

Na tabela 3, *sonoridade no contexto precedente*, é possível observar que as consoantes sonoras, em contexto anterior ao ditongo, são as que mais favorecem a monotongação com peso relativo de 0.75 e percentual de 66,7 %. Enquanto que as consoantes não sonoras (51,1% e P. R = 0.16) e as vogais (28,6 % e P. R= 0.14) desfavorece o fenômeno.

TABELA 3: Influência da variável sonoridade no contexto precedente para não realização do ditongo /ey/ em Amargosa-Ba

Sonoridade do contexto precedente	Apl./Total	%	P.R
Consoante sonora	92/ 138	66,7	0.75
Consoante não sonora	46/90	51,1	0.16
Vogal	2/ 7	28,6	0.14
Total	140/235	59,6	

Log likelihood = -23.324 Significance = 0.048
(Fonte: Dados da pesquisa)

Na pesquisa de Santos e Almeida (2016) a variável sonoridade em contextos subsequente, aponta a consoante sonora em posição neutra com peso relativo de 0.50, ao passo que as vogais foram os principais elementos favorecedores da realização de [ej]. É oportuno ressaltar que a variável sonoridade do contexto precedente não foi foco nos estudos variacionistas abordados nesta pesquisa, sendo assim, não temos valores referenciais para o confronto do resultado apontado pelo programa estatístico. Todavia, nos permite aventar algumas conclusões fazendo um confronto com a variável contexto fonético anterior.

Em Cysne (2016), no contexto fonético anterior, houve favorecimento do monotongo em 5 fatores: [b], [n], [ɲ], [g], [ʃ]. As ocorrências foram: para [b] - b[e]jando, b[e]jo; para [n] - jan[e]ro, torn[e]ra; para [ɲ] – dinh[e]ro, banh[e]ro; para [g] - nog[e]ra, zag[e]ro; para [ʃ] – ch[e]ro, macax[e]ra. Nota-se que, dos segmentos favorecedores a não ditongação, apenas o [ʃ] é surdo, ao passo que os demais segmentos são sonoros. A convergência do comportamento da maioria dos segmentos sonoros nos leva a suspeitar possíveis influências desses sobre realização da monotongação. Contudo, Cysne (2016) conclui que os dois contextos fonéticos (seguinte e anterior) sofrem interferências entre si, ou seja, o programa só selecionou os fatores do contexto precedente por conta da existência do tepe do contexto fonético seguinte. O autor relata que quando foi retirado o grupo de fatores contexto fonético seguinte, nenhum dos fatores do contexto fonético precedente foi selecionado como influenciador do monotongo.

5.1.4 Influência da Variável *Contexto Seguinte* para a Monotongação

Como mostra a tabela 4, no contexto seguinte, é a consoante tepe /t/ como em: *brincadei[t]a ~ brincadeøra*, que mais influencia o apagamento do ditongo com peso relativo de 0.91 e percentual 99% , seguida pela fricativa alveolopalatal (93, 1% e P.R= 0.89), já a centra baixa está numa posição mais neutra (P.R = 0.51), enquanto que as oclusivas alveolares desfavorecem o fenômeno (00,1).

TABELA 4: Influência da variável consoante ou vogal subsequente para não realização do ditongo /ey/ em Amargosa-Ba

Características do contexto seguinte	Apl./Total	%	P.R
Tepe	98/ 99	99,0	0.91

Fricativa alveolpalatal	27/ 29	93, 1	0.89
Central baixa	10/ 11	90, 9	0.51
Oclusivas alveolares	4/ 45	8,9	0.01
Total	139/184	75,5	

Log likelihood = -23.324 Significance = 0.048
(Fonte: Dados da pesquisa)

Os dados acima vão ao encontro do que diz a literatura, a consoante tepe /r/ é altamente favorecedora para a supressão da semivogal [j]. Esses resultados seguem a tendência dos encontrados por Santos e Almeida (2016), no qual a consoante tepe obteve peso relativo de 0.96 (99,2 %) para o apagamento do ditongo; seguido da vogal posterior média-fechada (0,70), a central baixa (0,58), e, por último, as consoantes africadas (0,51).

Em Cysne (2016), O segmento tepe /r/ também se mostrou, quase, categórico na aplicação da forma monotongada com P.R. = 0.525. Esses resultados coadunam com aqueles evidenciados nos estudos de Toledo (2011), onde aponta tepe /r/ como fator que mais influencia a aplicação da regra variável de monotongação do ditongo [ey], seguido da fricativa palatal. A relevância da vibrante simples como condicionantes a não-ditongação é reforçado nos estudos de Paiva (2003) e Aragão (2000).

É importante ressaltar que a predominância da consoante tepe /r/, também foi apontada pelo programa na segunda rodada.

5.1.5 Influência da Variável Classe Morfológica para a Monotongação

Como está posto na tabela 5, a classe morfologia que mais influenciou a monotongação do ditongo /ey/ foi os nomes com peso relativo de 0.74 e percentual de 71, 6 %. Ao passo que os verbos (30, 2 % e P.R = 0.12), advérbios (33,3 % e P. R = 0.10) e determinantes (55,6 % e P. R= 0.09) motivaram a manutenção do ditongo.

TABELA 5: Influência da Variável Classe Morfológica para a Monotongação

Classe morfológica	Apl./Total	%	P.R
Nominais	111/ 155	71, 6	0.74
Verbos	16/ 53	30, 2	0.12
Advérbios	3/ 9	33,3	0.10
Determinantes	10/ 18	55, 6	0.09

Total	140/ 235	59,6
<i>Log likelihood = -23.324 Significance = 0.048</i>		
<i>(Fonte: Dados da pesquisa)</i>		

Os resultados acima corroboram os estudos de Cysne (2016), no qual a classe de palavras é apontada como primeiro grupo favorecedor da monotongação de /ej/, coadunando a influência do fator nomes, cujo peso relativo foi de (0.545). O mesmo estudo aponta como desfavorecedores da regra os fatores numerais (0.494) e verbos (0.350).

O resultado para o fator aliado da regra está também de acordo com os estudos de Toledo (2011), que também mostra os *não verbos* como relevante para a redução do ditongo [ej], com os respectivos percentuais de 96% (P.R. 0,6) e 30% para a variáveis não verbo e verbos. É oportuno frisar que, segundo Toledo, a confiabilidade desses pesos relativos podem estar comprometida devido à grande diferença entre o número de não verbos (652) e de verbos (114). Em oposição a estes, Santos e Almeida (2016), evidencia em sua pesquisa a relevância dos verbos (0,83), como em *casêø* (casei), *gostêø* (gostei), *deøxa* (deixa), como favorecedores da monotongação, ao passo que os nomes e determinantes foram apontados como importantes para a manutenção do ditongo.

5.2 FATORES SELECIONADOS NA SEGUNDA RODADA DO PROGRAMA

Como já citado anteriormente, foi realizado uma segunda rodada, igualando a quantidade de 18 ocorrências por entrevista. Essa medida buscou obter outros resultados, no intuito de compará-los com os da primeira rodada. De modo geral os resultados foram similares. Entretanto o fator *extensão do vocábulo* não foi selecionado como favorecer nessa rodada. A submissão dos dados em mais de uma rodada, se torna necessário para garantir maior fiabilidade nos resultados. O confronto de dados a partir de rodadas experimentais foram metodologias adotadas por Toledo (2011) e Cysne (2016).

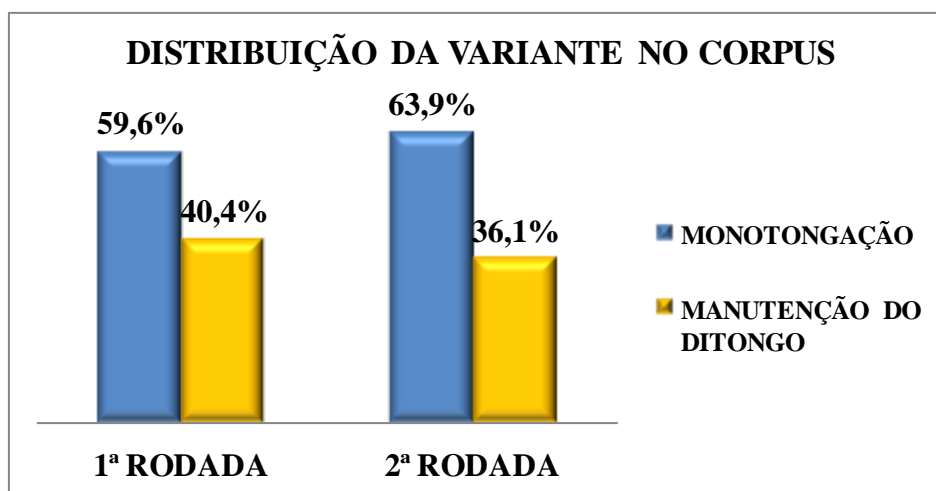
TABELA 6: Distribuição das variantes no corpus

Variantes	Nº/Total	%
E	138/ 216	63,9
Ey	36,1/ 216	36,1
Total	216	
<i>Log likelihood = -25.093 Significance = 0.045</i>		

Fonte: Dados da pesquisa

A tabela 6, *distribuição do corpus*, mostra 63,9 % de apagamento do /y/ no ditongo, resultado um pouco mais elevado que na primeira rodada 59,6%. Porém convém ressaltar que são resultados próximos, comprovando que não houve disparidade entre as rodadas. Mais uma vez, fica evidenciado a prevalência do uso do monotongo em detrimento a manutenção do ditongo, como mostra o gráfico. Os dados estão comparados no gráfico abaixo:

GRÁFICO 2: Distribuição da variante no corpus



Fonte: Dados da pesquisa

Em análise, percebe-se uma pequena elevação nos índices de ocorrência na monotongaço entre as rodadas: rodada I (59,6%) e rodada II (63,9%). Acredita-se que, por ser uma mostra equilibrada (18 ocorrências por informantes), os dados da segunda rodada são mais fidedignos. Todavia, segundo Toledo (2011), o Input, “indicador de força da regra”, das rodadas pode variar de formas bastante significativas quando há diferença de dados de aplicação. No nosso caso, o número de ocorrências entre as rodadas não foram equiparados, o que, talvez, explique a oscilação nos resultados. Todavia, ressaltamos que, segundo Tagliamonte (2006) o valor do Input deve variar muito pouco de nível para nível para que os resultados possam alcançar confiabilidade.

5.2.1 Influência da Variável Sonoridade no Contexto Precedente para a Monotongação

No que tange a variável sonoridade do contexto precedente, não tivemos diferenças relevantes, o programa estatístico reforça nesta segunda rodada o que já havia pontuado na primeira rodada.

TABELA 7: Influência da Variável Sonoridade no Contexto Precedente para a Monotongação

Sonoridade do contexto precedente	Apl./Total	%	P.R
Consoante sonora	90/ 127	70,9	0.72
vogal	2/ 5	40	0.20
Consoante não sonora	46/ 84	54, 8	0.19
Total	138/ 216	63,9	

Log likelihood = -25.093 Significance = 0.045
Fonte: Dados da pesquisa

A tabela acima apresenta resultados corroborando com a Tabela 3 da rodada anterior, de que a consoante sonora propicia a monotongação, com peso relativo de 0.72 (70,9%) e na primeira rodada 0.75 (66,7%), sendo que os outros dois contextos não apresentaram influência para o fenômeno nas duas rodadas.

5.2.2 Influência da Variável Contexto Seguinte para a Monotongação

Na Tabela 8, *contexto seguinte*, os resultados mantiveram semelhanças com os da rodada anterior, ao apontar que a consoante tepe é a que mais favorece a monotongação, com peso relativo de 0.89 (99%) enquanto que na primeira rodada foi de 0.91 (99%). Seguida da fricativa alveopalatal com peso relativo de 0.76 (96,2%) nessa rodada e peso relativo de 0.89 (93,1%) na primeira rodada.

TABELA 8: Influência da Variável Contexto Seguinte para a Monotongação

Características do contexto seguinte	Apl./Total	%	P.R
Tepe	98/ 99	99	0.89
fricativa alveopalatal	25/ 26	96,2	0.76

central baixa	10/ 11	90,9	0.36
oclusivas alveolares	4/ 38	10,5	0.00
Total	137/ 174	78,7	

Log likelihood = -25.093 Significance = 0.045

Fonte: Dados da pesquisa

Apresentando uma perspectiva mais fonética, Paiva (2003) argumenta sobre a relevância do modo e do ponto de articulação do segmento para ocorrência da variante monotongada. A autora aponta um efeito positivo da vibrante simples (madeira/feira) e das fricativas (deixar/beijo) para a ocorrência da variação. Quanto ao ponto de articulação, Paiva (2003) aponta a relevância dos segmentos palatais (queijo) e dos alveolares. Outra suspeita apresentada pela autora diz respeito ao sufixo –eiro, o que pode ter efeito positivo para a supressão da semivogal. Esse último argumento, e também defendido por Cysne (2016), cujo estudo corrobora a suspeita de Paiva (2003). Atinente ao sufixo –eiro, Segundo Cysne (2016), a regra é categórica para o favorecimento a variável monotongada.

5.2.3 Influência da Variável Classe Morfológica para a Monotongação

No tocante a *classe morfológica*, tabela 9, o programa apontou os nomes com peso relativo de 0.68 (74,3%) como os que mais contribuem para a monotongação, ratificando os dados da tabela 5 da rodada anterior, na qual a classe nominal obteve peso relativo de 0.74 (71,6 %), os demais contextos apareceram na mesma ordem, porém não se mostraram favorecer da variante.

TABELA 9: Influência da Variável Classe Morfológica para a Monotongação

Classe morfológica	Apl./Total	%	P.R
nominais	110/ 148	74,3	0.68
verbos	15/ 43	34,9	0.20
advérbios	3/ 8	37,5	0.20
determinantes	10/ 17	58,8	0.06
Total	138/ 2016	63,9	

Log likelihood = -25.093 Significance = 0.045

Fonte: Dados da pesquisa

Nota-se que na presente pesquisa, não tivemos valores que discrepassem entre as rodadas I e II, como nos trabalhos de Toledo (2011) e Cysne (2016). Todavia, as rodadas se fizeram necessárias com o intuito de ajustes e maior precisão dos dados, como bem ressalta Toledo (2011): “A rodada inicial foi útil para termos uma visão geral dos estudos dos fatores em análise, identificando alternativas de abordagens para o estudo e revisando possíveis falhas de codificações, com a eliminação ou a combinação de fatores”. (TOLEDO, 2011, p. 76).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo o estudo a supressão do ditongo decrescente /ey/ na fala coloquial de informantes da cidade de Amargosa-BA. É oportuno frisar que essa pesquisa embasou-se nos princípios teóricos da Sociolinguística, que permite a análise de uma variável dependente binária (monotongação ou não) correlacionada com diversas variáveis (linguísticas e extralinguísticas) e nos dá resultados referentes à ocorrência total, ao peso relativo em relação a cada variável independente e aos níveis de relevância.

Para que pudéssemos testar as hipóteses levantadas, submetemos os dados a um tratamento quantitativo, utilizando o programa estatístico GoldVarb X. Chegamos a alguns resultados significativos concernentes à monotongação, sendo que alguns sustentam nossas hipóteses e outros as refutam.

Foram realizadas duas rodadas, na primeira análise, foram contabilizadas 235 ocorrências do ditongo /ey/, cujos resultados foram favoráveis a monotongação com percentual de 59,6%, versus 40,4% que conservaram o ditongo. Na segunda análise, mostra 63,9% de apagamento da semivogal /y/ contra 36,1% da variável padrão. Esse resultado reforça uma realidade que é similar ao que diversas pesquisas têm apontado para a monotongação de <EI> no português do Brasil, que é preferência pela variável monotongada em detrimento a variável padrão.

No que tange aos fatores linguísticos, os dados constataram a variável extensão do vocábulo como fator condicionante à variável monotongada. As palavras polissílabas, como exemplo: “brasileira” [bfazi’lefa], com peso relativo de 0,81 e porcentagem de 72,5 que mais

favorecem a monotongação, seguido dos trissílabos Já os dissílabos (53,4 % e P. R = 0,37) e os trissílabos (64,6 % e P.R = 0,40) favorecem o ditongo. Tal resultado atesta, em parte, uma de nossas hipóteses: (b) Supomos que a extensão do vocábulo (trissílabas e polissílabas) sejam fatores aliados a aplicação da variável monotongada. Acreditávamos que, assim como os polissílabos, os trissílabos também fossem favorecedores na ocorrência da monotongação, Contudo, os dados apontaram que os vocábulos trissílabos favoreceram a manutenção do ditongo. Os estudos de Aragão (2000) apontaram que quanto maior o número de sílabas na palavra, maior será a frequência da redução do ditongo. Argumento também defendido por Santos e Almeida: “[...] quando se observa que os vocábulos monossilábicos são os mais propícios à manutenção do ditongo, isso significa que quanto mais material fônico tiver o vocábulo, mais propenso ele está à perda de segmentos.” (SANTOS; ALMEIDA, 2017, p. 246)

Ainda sobre os fatores internos da língua, outra hipótese também validada diz respeito ao modo de articulação: (a) acreditamos que a supressão da semivogal [j] seja favorecida, principalmente por fatores linguísticos (tepe/fricativas) nos contextos fonéticos anterior e posterior. Os resultados elucidaram a consoante tepe /r/ como maior influenciadora ao apagamento do ditongo com peso relativo de 0.91 e percentual 99 %, seguida pela fricativa alveolopalatal com peso relativo de 0.89 (93,1%). A atuação foi corroborada também na segunda rodada. Estudos variacionistas precedentes já acusavam essa relevância: Paiva (2003); Aragão (2000); Toledo (2011) e Freitas (2017).

Nossa terceira hipótese diz respeito aos fatores extralinguísticos: acredita-se que as variáveis interdependentes: nível de escolaridade e faixa etária são condicionantes à monotongação. Contudo, essa hipótese não pode ser confirmada nem refutada, uma vez que as referidas variáveis não foram apontadas pelo programa estatístico. Em Paiva (2003), após um confronto entre duas sincronias, considerando um primeiro grupo de informantes que tiveram avanço nos anos de escolarização comparado ao segundo grupo que estabilizou nesse mesmo processo, ficou evidenciado que, tanto o primeiro quando o segundo grupo, apresentaram recuo da variante monotongada, o que não exclui o processo de escolarização e um maior contato com a forma escrita da língua como fatores motivacionais nesse processo. No que tange a variável faixa etária, Paiva (2003) percebe uma inclinação de natureza geracional, ou seja, os falantes mais jovens, ao se deslocarem para uma faixa etária mais velha, reduzem a ocorrência da monotongação. Essa conclusão, contudo, é contrastada com os resultados obtidos por Santos e Almeida (2017), ao concluírem que são os falantes da faixa etária mais velha, com peso relativo de 0,80 que mais realizam a monotongação.

À guisa de conclusão, entendemos, a partir da pesquisa realizada e revisão de literatura, que o fenômeno de redução do ditongo a uma vogal simples é nortado por grupos de fatores, principalmente, de natureza linguística. Essa inferência contribui como estratégia de sobrepujar a crença ingênua de atribuir os fenômenos linguísticos às variáveis sociais de menor prestígio. Para além disso, por nos revelar aspectos quanto ao fenômeno da monotongação na oralidade de amargosenses, esperamos ter fornecido uma pequena contribuição para a área, bem como despertado interesse para que novas investigações sejam realizadas acerca da temática, haja vista a carência de pesquisas nessa área, principalmente abrangendo comunidades de fala do interior da Bahia.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia no português brasileiro*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRGS, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 21ª ed. Petrópolis: Vozes 1992.
- COELHO, Izete L. et al. *Para Conhecer Sociolinguística*. 1. ed. São Paulo : Contexto, 2015. v. 1. 176p.
- CYSNE, Marcus Rodney Portela. *A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza* [recurso eletrônico] / Marcus Rodney Portela Cysne. – 2016.
- FREITAS, Bruna Faria Campo de. *Estudo da monotongação dos ditongos orais decrescentes na fala dos Uberabenses*. 2017. 78 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2017.
- LEITE, André Rodrigues; OLIVEIRA, Karina Rios de. *Ferdinand de Saussure: Pai do estruturalismo?* Revista intertexto / ISSN: 1981-0601 v. 5, n. 1, p. 1 – 16. 2012. Disponível em <file:///D:/ARQUIVOS/Downloads/217-1115-4-PB.pdf> acesso em 10 de abr. de 2019.

MARRA, D.; MILANI, S. E.; *Uma teoria social da língua(gem) anunciada no limiar do século xx por Antoine Meillet / A social theory of language announced at the threshold of the twentieth century by Antoine Meillet*. Linha d'Água, n. 25 (2), p. 67-90, 2012.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Dermeval da Hora. *Fonética e Fonologia*. [S.I.: s.n], 2012. 45 p. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf> acesso em 06 de jun. 19.

PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro; LUCENA, Rubens Marques de. *Fonologia Estruturalista*. In Dermeval da Hora; Carmen Lúcia Matzenauer (Org.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2017, v. 1, p. 9-187

SANTOS, Gredson dos. *Variação fonética em estudantes residentes em áreas rurais da Bahia*. 2006. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Salvador – Bahia.

SANTOS, Gredson; ALMEIDA, Jailma da Guarda *O ditongo decrescente <ei> no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre*. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 239-252, janeiro-junho 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. A. Chelini. J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006[1916].

SEARA, I. C. et al. *Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Taís Cristófar. *Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guias de exercícios*. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PAIVA, Maria da Conceição. *O Percurso da Monotongação de /EY/*: observação no tempo real. IN: *Mudança Linguística em Tempo Real*. FAPERJ: 2003.

Galvão, André. Amargosa cidade Jardim. Sem data. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/cfp/amargosa-cidade-jardim>. Acesso em 01 de Set. de 2019.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens Universidade do Estado da Bahia – UNEB Departamento de Ciências Humanas – DCH I NÚMERO 04 – junho de 2012 ISSN: 2176-5782

TAGLIAMONTE, Sali. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge University Press, 2006.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. *A monotongação do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre*. 2011. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

WHITNEY, William Dwight. *Language and the Study of Language: Twelve Lectures on the Principles of Linguistic Science*. London: N. Trubnek & Co., Ludgate Hill, 1884[1867].

ANEXO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
 CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
 COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA INGLESA

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA DO (A) ORIENTADOR (A)

DISCENTE: Márcia Soares Castro
ORIENTADOR(A): Prof. ^a Ayane Nazarela Santos de Almeida
DATA DA APRESENTAÇÃO: 11/12/2019
TÍTULO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO NA LINGUAGEM COLOQUIAL DE SUJEITOS AMARGOSENSES

Ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras

Informo, para fins de homologação, que o(a) estudante Márcia Soares Castro realizou as correções sugeridas/solicitadas pela banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) supracitado, podendo ser considerado como versão final. Declaro, ainda, que estou de acordo com a homologação do referido TCC.

Por ser verdade, firmo a presente.

Professor(a)-Orientador(a)

SIAPÉ 2414630

Amargosa, 28 de fevereiro de 2020.